

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BOM, Djalma de Sousa. Djalma Bom (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 57min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Djalma Bom
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Levantamento de dados: Alexandre Fortes;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Marieta de Moraes Ferreira;

Técnico de gravação: Não há informação;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 08/03/2005

Duração: 2h 57min

Arquivo digital - áudio: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

Temas: ABC Paulista; Assuntos familiares; Assuntos pessoais; Atividade profissional; Classe operária; Eleições; Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP); Fernando Henrique Cardoso; Governo João Figueiredo (1979-1985); Gregório Bezerra; Greves; José Dirceu ; Leonel Brizola; Luiz Inácio Lula da Silva; Miguel Arraes; Movimento Democrático Brasileiro; Movimento operário; Organizações não governamentais; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Partido dos Trabalhadores - PT; Política sindical; Repressão política; Sindicalismo; Sindicatos de trabalhadores; Tancredo de Almeida Neves; Trajetória política;

Sumário

O nascimento e infância no Vale de Jequitinhonha, em Minas Gerais; a ida da família para São Paulo; os primeiros trabalhos; o trabalho em uma pequena fábrica de fogos de artifício; a relação com o dono da fábrica e sua família; o trabalho como operário até a ida para a Mercedes-Benz; comentários sobre ter entrado na Mercedes-Benz; a situação do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo; menção ao momento em que o entrevistado foi sindicalizado, através de Mario Ladeia; o trabalho enquanto inspetor de qualidade; a eleição, em 1972, para a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa); atuação e reeleição do entrevistado na Cipa; os cursos de “madureza ginásial” e “madureza colegial” colocados em prática pelo sindicato; a entrada do entrevistado no curso ginásial e os primeiros contatos com Luiz Inácio Lula da Silva, que coordenava a escola do sindicato, no período; o convite, recebido pelo entrevistado para ocupar uma diretoria do sindicato, durante a gestão de Paulo Vidal, em 1974; menção à eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo; menção breve referência ao jornal do sindicato “Tribuna Metalúrgica”; a atuação do entrevistado enquanto diretor do sindicato, e o seu papel enquanto liderança dos trabalhadores na Mercedes; o projeto de um sindicato mais combativo e próximo aos trabalhadores, encabeçado por Luiz Inácio Lula da Silva; comentários sobre um seminário sobre marxismo feito pelo sindicato e ministrado pelos professores Walter Barelli e Lurdes Maria Coelho Barelli; a renovação das diretorias do sindicato, feita por Luiz Inácio Lula da Silva, em 1978; a atuação do entrevistado enquanto tesoureiro do sindicato; a importância do discurso de posse de Luiz Inácio Lula da Silva, na reeleição como presidente do sindicato, em 12 de Abril de 1978; as primeiras greves organizadas pelo sindicato dos metalúrgicos, a partir de 25 de Abril de 1978; breve histórico da organização operária no ABC paulista; a entrada das indústrias automobilísticas em São Bernardo do Campo; a forma de atuação do entrevistado, e do sindicato, resultando em maior união entre os metalúrgicos; a percepção da necessidade de se fundar um partido dos trabalhadores: a necessidade de transformar a sociedade para melhorar as condições dos trabalhadores; menção ao discurso proferido por Luiz Inácio Lula da Silva, no Congresso de Petroleiros e Petroquímicos realizados na Bahia, em 1978, no qual afirma a necessidade de formação de um partido dos trabalhadores; a participação em campanhas, nas eleições de 1974, 1976, e 1978, nas quais apoiaram entre outros: Alberto

Marcelo Gato (1976), Antonio Tito Costa (1976), e Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola, Gregório Bezerra e Miguel Arraes (1978), todos pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB); as dificuldades iniciais da formação do Partido dos Trabalhadores (PT): os entraves burocráticos da constituição para a formação de um novo partido e a resistência por parte do MDB e do PCB; a liderança conquistada por Luiz Inácio Lula da Silva, com o “novo sindicalismo” e com as greves de 1978; o contexto político e empresarial de 1979, com maior repressão do governo de João Baptista Figueiredo, e da Federação das Industrias do Estado de São Paulo (FIESP); a greve geral da categoria dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, em 1979; menção ao afastamento da diretoria do sindicato, pelo Tribunal Regional do Trabalho; a Assembléia dos Trabalhadores Metalúrgicos do ABC, realizada dia 27 de março de 1979, que reuniu 80 mil trabalhadores, decidindo pelo retorno da diretoria do sindicato; comentários sobre a idéia do entrevistado da criação de um “fundo de greve”; mais informações sobre a participação dos trabalhadores no sindicato e atuação da diretoria em 1980; a greve de 1980, com duração de 41 dias, resultando na prisão de membros da diretoria, como Luiz Inácio Lula da Silva e o entrevistado; comentários sobre a experiência da prisão: os depoimentos dados no Dops, a greve de fome, a Assembléia da Praça Matriz e a libertação dos metalúrgicos presos; as dificuldades do sindicato em 1980: a atuação de Luiz Inácio Lula da Silva para a formação do PT e a atuação do entrevistado para a formação da nova chapa da diretoria do sindicato; a formação da nova diretoria do sindicato e a possibilidade de uma maior dedicação do entrevistado ao PT; comentários sobre o IX Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, na cidade de Lins, em 1979; a atuação do entrevistado como tesoureiro, na comissão provisória do PT; a eleição do entrevistado à deputado federal pelo PT, nas eleições de 1982; as campanhas das candidaturas do PT para as eleições de 1982: a falta de dinheiro e a importância da militância para o partido; comentários sobre a campanha em Catanduva; a expectativa da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, na eleição para o governo de São Paulo, em 1982, pelo número de pessoas que os seus comícios mobilizavam; a atuação enquanto deputado federal e líder do PT; menção à ida do entrevistado à Alemanha Oriental, com intuito de ter uma formação política; o PT como um partido de lideranças e não de dirigentes, com exceção de José Dirceu; a capacidade do PT, em seus primeiros anos, de conviver com as divergências das tendências internas; a decisão do PT de não apoiar a candidatura de Tancredo Neves,

por acreditar que deveria teralmejar eleições diretas; menção à campanha para a re-eleição à deputado federal, em 1985; a eleição como vice-prefeito em São Bernardo, em 1988, sendo Mauricio Soares o prefeito; a briga disputa com Mauricio Soares e a candidatura à prefeito, pelo PT, em 1992; os outros cargos políticos ocupados pelo entrevistado; o trabalho em uma organização não governamental (ONG), Lar dos Velinhos Dona Adelaide.

Entrevista: 08/03/2005

M.M. – Nós vamos começar, Djalma, falando da sua trajetória. Onde você nasceu, quem foram seus pais, quando é que você começou a trabalhar, quando é que você veio para São Paulo. Contar um pouco a história das suas origens familiares, da sua infância, do seu ingresso no mercado de trabalho.

D.B. – Bom. Eu vou completar agora, no dia 29 de março, sessenta e seis anos de idade. Eu nasci em Medina, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Destacar que o Vale do Jequitinhonha é uma das regiões mais pobres do Brasil. Às vezes, as pessoas dizem que o Nordeste são formadores de blocões de pobreza, é porque essas pessoas, de fato, não conhecem o que é o Vale do Jequitinhonha. Eu me lembro muito bem que nós éramos uma família muito pobre, meu pai, minha mãe, eu e mais quatro irmãos -, três irmãos e mais uma irmã, nós éramos em cinco -, e às vezes, para a gente conseguir comer -, eu me lembro muito bem, não tenho vergonha de falar -, nós comíamos um prato de farinha com rapadura. Eu fui colocar o primeiro par... ou aliás, o primeiro calçado que eu fui colocar nos pés foi uma alpargatas Roda, aqui em São Paulo, não é, que eu não conhecia. Eu não conhecia pão, eu vim conhecer açúcar aqui em São Paulo, eu não conhecia açúcar, conhecia a rapadura. Bom. E a gente veio aqui para São Paulo, meu pai, minha mãe, eu e mais quatro irmãos, em 1948. Às vezes eu digo que o Lula, que veio lá de Garanhuns, em Pernambuco, aqui para São Paulo, em cima de um pau-de-arara, esse transporte era um transporte de luxo, relacionando com o que eu vim. Nós viemos em cima de um caminhão basculante. E sabe como é que é o caminhão basculante, não é? Não tem cobertura, não tem lugar para você segurar nem nada; o caminhão fazia uma curva para a direita, todo mundo se jogava para a esquerda, fazia uma curva para a esquerda, todo mundo se jogava para a direita. E foi uma viagem muito longa. Se você levar em consideração que a Rio – Bahia hoje é uma das piores estradas do Brasil, agora imaginem em 1948. E a gente veio justamente em cima desse caminhão basculante, meu pai, minha mãe, eu e mais quatro irmãos, em cima desse caminhão basculante.

M.M. – Seus pais eram trabalhadores rurais?

D.B. – É. Minha mãe cuidava da casa e ao mesmo tempo minha mãe torrava café e batia no pilão para moer o café, para ajudar no sustento da família. O meu pai também, quando meu pai casou com a minha mãe, o meu pai já tinha uma certa idade avançada, meu

pai tinha cinquenta e seis anos de idade para cinquenta e sete anos, quer dizer que ele já estava num período da vida também um pouco bem avançada. E meu pai, ele era um artesão. Meu pai trabalhava com couro. Ele fazia chicote, ele fazia laço para laçar rês, bois, vaca, ele consertava arreios, ele fazia arreios. E eu me lembro, eu tenho gravado na minha memória, do meu pai esticar... comprava o couro da vaca e esticava no sol, aí depois ele fazia as tiras assim, passava as tiras na boca assim, e trançava. Era um negócio assim incrível. Quer dizer que minha mãe era dona-de-casa, para ajudar a cuidar dos filhos, torrava café. E às vezes... Tinha um rio que passava próximo da cidade, e as pessoas usavam água do rio para fazer comida, para tomar banho, para lavar roupa, não é; e aquelas famílias mais abastadas pagavam para as pessoas ir (irem) buscar água no rio, para trazer para as residências das pessoas mais abonadas. E minha mãe também, para ajudar a família, além de torrar café e moer no pilão, bater no pilão, ela carregava água. Quer dizer que essa era a função. Outra coisa super interessante que eu me lembro – logicamente a gente não deve ficar contente nem alegre pelas misérias que a gente passou, não é - mas, a maior alegria que eu tinha era quando minha mãe ficava grávida. Porque tem um costume -, não sei se existe, mas era um costume que, depois do parto, a quarentena (resguardo) que se falava, comia carne de galinha. Quer dizer que, para nós, era a maior alegria quando minha mãe tinha um filho, porque a gente, durante um certo período, a gente ajudava a minha mãe também a comer a carne de galinha, não é. [risos] Então...

M.M. – Você é o filho mais velho?

D.B. – Eu sou o filho mais velho. Eu sou o filho mais velho. Em 1948, a gente veio aqui para São Paulo, também, não diferente da maioria das famílias, a gente veio fugindo também, a miséria, da fome, e a gente também veio em busca de uma situação melhor do que aquilo que a gente passava. E nós chegamos aqui em São Paulo em 1948, nós fomos morar no bairro de São João Clímaco, que era um distrito do Ipiranga antigamente, agora é um bairro. Eu me lembro muito bem que eu fui trabalhar num restaurante na rua Costa Aguiar, 1.127. E eu trabalhava de entregador de marmitta, nesse restaurante. Agora imagina você, toda aquela privação, a necessidade, a fome que a gente passava, eu de entregador de marmitta. Eu ia entregar a marmitta, automaticamente, no caminho, se tinha quatro bolinho, chegava três bolinho lá. [risos]

M.M. – Pegava um bolinho para você.

D.B. – Eu pegava um bolinho...

A.F. – Você tinha uns nove, dez anos?

D.B. – Eu tinha nove anos. Quando eu fui trabalhar no restaurante, acho que eu já tinha uns nove... acho que eu já tinha dez anos já. Dez anos. E eu fui trabalhar nesse restaurante na rua Costa Aguiar.

M.M. – Tem um dado aqui, que você teria nascido em 29.

D.B. – Não. 39. 29 de março de 1939.

M.M. – 29 de março está certo. Mas te deram mais dez anos. [ri]

D.B. – Me deram mais dez anos. O pessoal são muito legais. Então eu fui trabalhar nesse restaurante como entregador de marmita. Eu ia cedo para o restaurante, ajudava o pessoal fazer a limpeza e tal. Eram uns italianos. Uma família de italiano muito legal. Salvador Pellegrino era o dono do restaurante, e a mulher chamava dona Anunciata. Eles eram uns italianos, uma família de italiano muito bem; inclusive me considerava até como filho deles. Tinha o Clube Atlético Ipiranga, ali na rua Sorocabana, e o dono do restaurante, ele era ipiranguista roxo, não é, e, depois que a gente terminava as atividades do restaurante, a gente ia assistir os treinos do Ipiranga, lá na rua Sorocabana. Bom. De entregador de marmita, imediatamente eu fui promovido a garçom. Eu passei já a servir o corredor, que eu acho que tinha, mais ou menos, umas doze, quinze mesas. Já servia. Fui promovido. E eu fiquei acho que uns dois anos trabalhando nesse restaurante. Eu trabalhava, entregava marmita e eu estudava. Não esqueço também que eu estava fazendo o primário ali no Grupo Escolar José Bonifácio. É uma rua que eu não me lembro o nome agora, mas é uma travessa da rua Costa Aguiar. Aí depois, eu saí desse restaurante, incrível -, eu fui trabalhar numa fábrica de fogos de artifício. Eu fui trabalhar numa fábrica de fogos de artifício. Essa identidade minha com italiano é uma coisa inexplicável, não é, mas o dono da fábrica de fogos também era um italiano. Chamava-se Francisco Albanez. Esse era um artista. Eu não sei se vocês conhecem os fogos de artifício. Esse seu Albanez, em 1922, foi o centenário da independência, ele fez os fogos, a pirotecnia dos fogos de artifício e ele foi o premiado. Quer dizer que ele era cara que... era um italiano que ele conhecia demais do negócio de fogos de artifício. E eu comecei a trabalhar com eles. E eles era muito bom...

A.F. – E essa fábrica era onde?

D.B. – Era em São João Clímaco. Quer dizer que aí eu já deixei de trabalhar no Ipiranga e já fui trabalhar lá em São João Clímaco, na fábrica de fogos. E eu peguei uma confiança com eles, também, muito grande. Aí também, parece que esse negócio da comida estava sempre relacionado com a minha vida também, não é. Eu trabalhava com eles na fábrica, e na hora do almoço, (a fábrica era lá em São João Clímaco mas eles moravam aqui no Sacomã) eu vinha buscar comida para eles e, ao mesmo tempo, eu almoçava junto com eles. E vocês sabem que italiano cozinha magnificamente bem, não é.

M.M. – Muito bem. E come bem.

D.B. – E eu consegui desfrutar das delícias e do paladar italiano. E eu trabalhei com eles bastante tempo também. Eu estudava também, lá em São João, no Grupo Escolar de São João Clímaco.

A.F. – São João Clímaco é em que região da cidade? A gente não conhece bem.

D.B. – São João Clímaco fica na zona sul. Depois do Ipiranga. E eu trabalhei com eles na fábrica de fogos... Inclusive, o quarto centenário de São Paulo, em 1954, a fábrica de fogos de artifício também, a prefeitura de São Paulo, o estado de São Paulo, eu me lembro muito bem, contratou a fábrica para fazer a festa, que foi aqui no parque Ibirapuera. Eu me lembro muito bem, na própria inauguração do ginásio do Ibirapuera, e os locais que foram soltados fogos e tudo. Quer dizer que eu participei já nesse negócio aí da festa do quarto centenário de São Paulo, trabalhando na fábrica de fogos de artifício. E uma particularidade, acho que muito importante também, que acabava conquistando a gente: que terminava o mês, nós ficava sempre devendo para o dono da fábrica, sabe. [risos] Mas eles era muito bom. Mas sempre ficava. E eu aprendi a trabalhar com essa arte de fogos de artifício e tal.

A.F. – Você fazia exatamente o quê na fábrica?

D.B. – A gente fazia morteiro, fazia foguetes, fazia bombinhas, fazia...

A.F. – Na produção mesmo.

D.B. – Na produção mesmo. E é um tipo de trabalho, todo ele, artesanal. Porque você só trabalha com as mãos; não tem jeito de máquina, por causa da periculosidade que é você mexer com explosivos. E a gente fazia, confeccionava, depois viajava muito para ir fazer os espetáculos: você fazia as armações, montava a peça de fogos.

A.F. – E tinha muita gente trabalhando?

D.B. – Nós éramos mais ou menos... Era a família, o pai, quatro filhos... Nós éramos mais ou menos...acho que umas doze pessoas que trabalhavam.

M.M. – Era uma empresa pequena.

D.B. – Era uma empresa pequena. Acho que tinha umas dezesseis, dezoito pessoas.

M.M. – Era perto da sua casa.

D.B. – Era perto de casa, sim.

M.M. – Por isso você saiu do restaurante?

D.B. – Por isso, talvez, sim. Talvez tenha sido. Porque saía, não é. E o pessoal muito bom também, a comida também muito boa, não é. [ri] Eu fiquei trabalhando nessa fábrica de fogos. Depois, eu me lembro que eu saí algumas vezes, não é, depois voltava, eles chamavam.

A.F. – Você continuava estudando?

D.B. – Continuava estudando. Continuava estudando no primário, lá em São João Clímaco, no Grupo Escolar de São João Clímaco. Aí depois, eu tinha mais ou menos uns dezessete, dezoito anos, eu comecei a pensar um pouco, não é, falei assim: eu preciso modificar a minha vida. Isso aqui está tudo... Não era registrado, não era nada, não tinha registro em carteira, não tinha nada, eu falei assim: eu preciso ver se eu começo a ter uma coisa com mais estabilidade.

A.F. – Isso, em 56, 57.

D.B. – 56, 57, por aí. Aí eu comecei a me preocupar e tal. Em 1959, eu fui trabalhar na Fontoura, Produtos Químicos Fontoura, lá em São Bernardo.

M.M. – Aí que é sua ida para São Bernardo.

D.B. – A ida para São Bernardo. Eu fui trabalhar na Fontoura, em São Bernardo. Acho que foi em 59. 58, 59. Eu trabalhei pouco tempo na Fontoura. Acho que trabalhei um ano, mais ou menos. Aí eu já comecei a... também, já essa idéia de estar procurando uma coisa mais firme, com a carteira assinada e tudo, aí eu fiz um curso de inspetor de qualidade, aqui na Roberto Simonsen, no centro de São Paulo. O nome da escola era Escola Técnica

Conrada. É gozado. Essa escola... Outro dia, eu fui visitar lá o centro de São Paulo, essa escola era quase em frente da casa da Marquesa de Santos. Então fui visitar a casa da Marquesa de Santos, o solar da Marquesa de Santos – que não é casa, é solar – da Marquesa de Santos, e eu passei em frente de onde que era. Aí eu fiz o curso de inspetor de qualidade...

A.F. – Aí você já tinha concluído o primário.

D.B. – Tinha concluído o primário. Fiz o curso de inspetor de qualidade e fui trabalhar numa fábrica de parafuso, lá em São João Clímaco mesmo, Metalac. Eu já trabalhava de inspetor de qualidade. Aí eu trabalhei na Metalac um certo tempo, aí eu arrumei para trabalhar na Mercedes. Aí eu fui trabalhar na Mercedes, em 1963. Justamente em 1963. Foi uma das maiores crises da indústria automobilística, não é. E eu estava trabalhando na Mercedes. E parou tudo a Mercedes; inclusive, ela deu férias coletivas para todos os funcionários. E eu peguei essas férias coletivas... Parou tudo. Não funcionava nada na Mercedes. E a gente pegou férias coletivas. E eu me lembro que eu fui mandado embora da Mercedes nas férias coletivas, nesse período de 1963. Bom. Mas logo em seguida, acho que foi 64 ou 65, eu não me lembro mais, acho que foi em 64, eu fui chamado outra vez e voltei na Mercedes. Aí voltei a trabalhar na Mercedes.

M.M. – Como era o movimento sindical nesse período, na Mercedes? Tinha uma mobilização?

D.B. – Existia. Mas era uma coisa muito pequena, não é. Muito pequena. E logo em seguida, em 1965, veio o golpe militar, não é. A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, ela era uma diretoria muito atuante nesse período. Inclusive tinha - um pessoal que a gente não conhecia, não é -, tinha o companheiro Afonso Monteiro, tinha o Janjão, o Monteiro da Cruz, que era um pessoal muito ativista, não é. Aliás, essa segunda vez que eu fui trabalhar, que eu voltei, na Mercedes, eu era controlador de peça, eu era inspetor de qualidade, e o rapaz que era operador de máquina, ele era um operador de máquina e ele me sindicalizou, que é o Mário Ladeira. Que depois ele veio a ser secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, fundou o MDB em São Bernardo, foi vereador, foi deputado estadual. Quer dizer que o Mário Ladeira, em 1965, ele fez a minha sindicalização, como sócio do Sindicato dos Metalúrgicos. Mas essa questão, se havia movimento sindical dentro das empresas, a gente sentia que existia uma certa insatisfação por parte dos trabalhadores; mas existia também uma preocupação de não falar muita coisa, não se abrir, justamente, no meu modo de

entender, por causa da repressão e por causa da ditadura militar. Porque o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, ele sofreu intervenção, não é.

M.M. – Em 64.

D.B. – Em 64. Ele sofreu intervenção e houve a cassação da diretoria. E houve a intervenção no sindicato, colocaram uma junta, não é. Quer dizer que essa coisa começou a pegar assim, o pessoal não falava muito. Mas nem por isso também não deixava de existir um certo grau de insatisfação. Não havia um clima assim, de uma organicidade sindical, dos trabalhadores serem organizados dentro da fábrica, mas existia assim alguma célula de insatisfação, de protesto dos trabalhadores contra o arrocho salarial, contra a forma que a empresa tratava os trabalhadores, contra a repressão das chefias contra os trabalhadores, mas era uma coisa assim, que era muito escondido.

A.F. – Quer dizer que você foi sindicalizado já depois do golpe.

D.B. – Depois do golpe, sim. Logo depois do golpe. Bom. Aí eu, trabalhando na Mercedes... Eu sempre fui uma pessoa... sei lá, não sei se é por causa da minha trajetória de vida, da questão da miséria, da fome, das injustiças, eu sempre tive comigo de não aceitar qualquer tipo de injustiça de perseguição. E dentro da Mercedes, eu não podia e não suportava, não agüentava era ver um chefe maltratar um trabalhador. Não agüentava de jeito nenhum. E eu via, ficava nervoso, bravo, falava assim: não, você não tem o direito de tratar o trabalhador igual você está tratando, que é um ser humano e tal. E essas injustiças, eu sempre estava... junto comigo. Aí, em 1972, se formava o negócio da eleição das CIPAs (SIPAs), eu fui eleito cipero (sipero)na minha seção.

M.M. – 72?

D.B. – 72. Em 1972 eu fui eleito cipero, na minha seção. Quer dizer que já era uma coisa assim de uma certa confiabilidade e de uma certa... uma liderança modesta que começava a despontar, não é. Eu fui o mais votado.

A.F. – Só para a gente ter uma noção de números. Foi eleito cipero da seção, não é?

D.B. – Sim.

A.F. – A Mercedes, nesse período, tinha quantos trabalhadores? Você tem idéia?

D.B. – Ah, a Mercedes, nesse período aí, ela deveria ter uns dezesseis mil trabalhadores.

A.F. – E a sua seção?

D.B. – A minha seção, nós éramos uns duzentos e vinte, mais ou menos.

A.F. – E qual era a sua seção?

D.B. – A minha seção, justamente, era uma seção de controle de qualidade. Nós fazíamos o controle de qualidade das peças usinadas, sabe. Por exemplo, usinava o motor, nós fazíamos a qualidade; usinava o coletor, nós víamos a qualidade; usinava a caixa de comando, nós fazíamos, o virabrequim, nós fazíamos. Sendo que nós, a qualidade da peça, no caso, era aprovado por nós, pela nossa seção, que era o de inspetor de qualidade. Isso não existe mais. Não existe mais essa função. Eleito cipero em 1972, se eu já tinha um pouco de prestígio junto às pessoas, como cipero, melhorou mais ainda, não é. Eu me lembro muito bem que eu ia nas reuniões da CIPA (SIPA), eu discutia bastante, mostrava as irregularidades que existia. Quando eu voltava para dentro da fábrica, eu via algumas coisas que poderia oferecer perigo para a integridade física do trabalhador, eu ia comunicar com o chefe, brigava com o chefe, que aquilo não poderia acontecer, não é. Se eu via uma máquina, uma prensa que poderia oferecer perigo, eu brigava com o chefe, com a direção daquele setor, para que aquelas condições de trabalho era insuficiente, não é. E gozado o seguinte. Como é que é que eles falavam? Atos inseguros e condições inseguras. Quer dizer que isso daí é a filosofia das SIPAs, não é. Condições inseguras e atos inseguros. As condições inseguras, era por parte da empresa, que ela deveria melhorar, e os atos inseguros, era o trabalhador que cometia. E a maioria dos acidentes que acontecia era sempre atos inseguros, não é. Isso aí foi uma grande briga comigo e a direção da Mercedes, os gerentes de setores, mestre de setor, contramestre de setor, encarregados, para mostrar para eles o seguinte que estava errado: que às vezes não era o ato inseguro, eram as condições de seguro oferecidas pela empresa que tinha causado o acidente, ou podia causar um acidente. E justamente aí, em que eu comecei essa questão de sipero e tal, depois eu fui reeleito, não é. Aí, em 1975...

A.F. – Só um instantinho. Deixa eu perguntar um pouco mais sobre a CIPA (SIPA) Existe uma imagem, bem distorcida, em geral, de que as multinacionais davam excelentes condições de trabalho. Então eu queria que você falasse que tipo de problema, como é que

você avalia as condições. Você está dizendo que tinha condições inseguras. Tinha muito acidente? Tinha problema de insalubridade? Quais eram os problemas que afetavam?

D.B. – Tinha tudo. Insalubridade, periculosidade, todos os tipos de insegurança. Porque a filosofia da empresa não era criar condições para que o trabalhador pudesse desenvolver a sua atividade em condições. A filosofia da empresa, como uma empresa capitalista, não é, onde tinha a linha de montagem, que o que valia mais era a produção no final do dia, o que acabava prevalecendo era a produção. Tinha que produzir, independentemente das condições de trabalho que o trabalhador tinha. Independentemente, ele tinha que produzir. E ele não podia reclamar. Por exemplo, o cara trabalhava numa linha de montagem, ele não tinha condições nem de ir ao banheiro para fazer as suas necessidades fisiológicas, porque ele tinha que está ali, no pé da máquina ou no pé da linha de montagem. No caso, uma linha de montagem de um caminhão: se ele colocasse o pneu nos caminhões, a linha está andando, a linha está andando, ele tem que acompanhar essa movimentação da linha para estar colocando o pneu. Se ele parasse de colocar o pneu para ir fazer as suas necessidades, automaticamente alguma coisa poderia acontecer de alguma forma diferente, e aquele caminhão que ia passar ia passar sem o pneu. Quer dizer que ele tinha que ficar ali trabalhando, diuturnamente ali, prestando o serviço. O que valia para a empresa não eram as condições de trabalho, o que valia para a empresa e prevalecia para a empresa era quando chegar no final do dia...

M.M. – A produtividade.

D.B. – Era a produtividade. A produção tinha que está lá, pronta. Era cento e vinte caminhão, os cento e vinte caminhão, no final do turno, tinha que tirar os cento e vinte caminhão. Bom. Em 1975, tinha essa grande sacada do regime militar, que foi os cursos de madureza. A madureza ginásial e a madureza colegial. Bom. Eu, logicamente, querendo melhorar os meus conhecimentos, eu fui para o sindicato, (acho que isso daí foi em 1974) e o sindicato, ele colocou em prática também seus cursos de madureza, tanto a ginásial como a colegial. E eu fui fazer o ginásial no sindicato. Foi aonde que eu topei de cara com o Lula, não é, porque o Lula, ele era o coordenador desses cursos de madureza no sindicato. O Lula que coordenava a escola do sindicato. E eu saí da Mercedes e vou lá para fazer o curso de madureza ginásial. Fazendo o curso de madureza ginásial, eu comecei a tomar um pouco mais de conhecimento com a diretoria do sindicato e tal. E a minha atuação dentro da

Mercedes como sipero, a minha batalha lá também... Mas não era um negócio assim organizado, por uma coisa que tinha objetivo de alguma coisa, não. Eu ia trabalhando da minha forma, do meu jeito. E com esse negócio de ir para o sindicato para fazer a madureza ginásial, (foi onde que eu conheci o Lula, que era o coordenador do curso de madureza no sindicato) aí aconteceu uma coisa importante e muito significativa. Porque eu também fui para o sindicato por falta de opção da diretoria do sindicato. Porque eles estavam... A Mercedes sempre teve quatro diretor(es) do sindicato. A Mercedes tinha como diretor do sindicato quatro diretores. Eles tinham dois diretor(es) que ficavam dentro da Mercedes, fazendo o trabalho de base, e tinha dois diretores que eles retiravam e ia lá para o sindicato, ficava no sindicato lá, cuidando das coisas do sindicato, da parte administrativa do sindicato. E eles iam tirar dois diretor(es), que era o Rubão e o Machadinho, da Mercedes para levar para o sindicato. E eles estavam procurando duas pessoas para fazer...

M.M. – Novas.

D.B. – Novas. Para substituir, não é, para substituir dois antigos companheiro também, que estava saindo do sindicato, que era um companheiro por nome Sotero e outro companheiro por nome de Isupero. Aí eles arrumaram duas pessoas para substituir. E uma das pessoas no fim não quis, não topou ser diretor do sindicato, aí eles me procuraram, para ser diretor do sindicato. Aí o Lula me procurou, para (eu) fazer parte da diretoria do sindicato. Bom. Eu conversei com a minha...

A.F. – Isso era na gestão do Paulo Vidal ainda.

D.B. – Era na gestão do Paulo Vidal ainda. Foi em 1974. Porque o Lula, justamente, o Lula...

M.M. – O Lula também era diretor.

D.B. – O Lula também era diretor do sindicato. Aí me convidaram para fazer parte da diretoria, eu me lembro muito bem que eu falei com a minha ex-mulher, não é, falei assim: “Ó, o pessoal está convidando para mim fazer parte.” Ela disse para mim o seguinte: “Eu acho que é bom mesmo você ir, porque te dá estabilidade. Você briga muito. Eles não vão te mandar embora, não é.” [ri] O argumento dado pela minha...

A.F. – Como sipero você já tinha estabilidade, não é?

D.B. – Tinha. Tinha estabilidade. Aí, o pessoal me convidou, eu conversei com a minha ex-esposa e tal, e eu aceitei o cargo. Quer dizer que, nesse primeiro mandato meu, eu era suplente do Conselho Fiscal. Suplente do Conselho Fiscal nessa diretoria de 1975 que o Lula foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Bom. Se eu já era um cara que infernizava a vida das chefias, dos encarregados, da segurança, da gerência da Mercedes, como siperio, como diretor do sindicato então... A primeira coisa que eu fiz, o primeiro ato que eu fiz como diretor do sindicato, eu falei para a minha chefia: “A partir de hoje, eu não trabalho mais para a Mercedes. Eu fui eleito diretor do Sindicato dos Metalúrgicos e a minha função hoje, dentro da Mercedes, é desenvolver um trabalho sindical de conscientização e organização dos trabalhadores da Mercedes.”

M.M. – E davam espaço para fazer isso.

D.B. – Não. Aí eu conquistei esse espaço. Também houve um pouco de compreensão da chefia. Eles não toparam uma briga comigo, não. Eles falaram assim: ah, vamos ver se a gente dá um jeito aqui, vamos deixar o Djalma fazer o que ele quer mesmo. Quer dizer que eu não trabalhava mais para a Mercedes. Eu marcava o cartão e já ia desenvolver a minha atividade sindical. E eu tinha...

M.M. – Mas isso, legalmente, a legislação permitia?

D.B. – Não. A legislação não permitia, não. A legislação não dava o tempo livre para o diretor do sindicato fazer atividade. Aliás, não permitia nem que ele fizesse atividade sindical. Ainda mais fazer atividade sindical com liberdade de fazer, não é.

M.M. – Pois é. Eu estou achando estranho isso dentro da fábrica...

D.B. – Não, não, não tinha...

A.F. – Para aproveitar isso. Até esse ponto, a Mercedes já tinha experiência de luta interna organizada? Já tinha tido greve de setor ou alguma greve da fábrica?

D.B. – Não. Eu não me lembro.

A.F. – Porque, a partir de 65, não tinha tido nenhum movimento coletivo.

D.B. – Não, não. Não me lembro. Não, não teve. Existia alguma grave insatisfação, mas não era alguma coisa assim organizada. Tinha alguns.....

[FINAL DA FITA 1-A]

D.B. – (.....) A primeira coisa que eu fiz logo depois que eu tomei posse, eu fui na secretaria do sindicato e falei assim: “Eu quero a relação de todos os sócios do sindicato que trabalha na Mercedes.” Eu peguei a relação de todos os sócios e me dirigi a esses trabalhadores, dentro da Mercedes, (fui) me apresentar para eles: “Eu sou Djalma de Souza Bom, sou inspetor de qualidade, e eu fui eleito como novo diretor do Sindicato dos Metalúrgicos. Trabalho na seção tal. Vocês podem me procurar, que é para a gente conversar sobre as coisas que acontecem aqui dentro da Mercedes e sobre as coisas que você precisa do sindicato.” Depois disso aí, eu tinha como prática também de fazer assim, eu teria que fazer cinco sócios, no mínimo, cinco sócios por dia, aí eu fazia as cinco sindicalizações, não é. Por exemplo, na história do Sindicato dos Metalúrgicos...

M.M. – Cinco sindicalizações por dia?

D.B. – Eu sindicalizei gente pra chuchu. E gozado é o seguinte. Eu tinha como prática, quando a pessoa me procurava para ficar sócio do sindicato, eu não aceitava, eu mandava ele ir no sindicato. Porque, quando essa pessoa me procurava para ser sócio do sindicato, ele estava interessado em ser sócio do sindicato para desfrutar do barbeiro, da farmácia, do laboratório, do dentista, não é. Esse tipo de sócio não estava dentro dos meus critérios prioritários. Eu queria, eu, através de uma palestra, de um papo, de uma conversa, mostrar para ele o que era o sindicato, para depois fazer a sindicalização. Isso eu tinha como prática. Bom. Deixa eu só contar essa particularidade. Se eu como siperio as pessoas já me respeitavam, imagina eu siperio e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos. Aí eu mandava na seção. E o pior é o seguinte. A chefia não aceitava de jeito nenhum um cara do sindicato dentro de uma seção. Por exemplo, dentro da ferramentaria, não aceitava de jeito nenhum. Se tinha alguma máquina que poderia oferecer algum trabalho inseguro, tinha alguma perseguição do chefia ou qualquer coisa contra o trabalhador, eu me dirigia imediatamente a esse mestre da seção e dizia para ele o seguinte: “Você melhora a tua relação com o trabalhador” ou “Você trata a questão daquela máquina, para oferecer melhores condições. Se você não melhorar, eu vou colocar teu nome na Tribuna Metalúrgica.” Aí não é... [ri]

A.F. – Que era um instrumento de pressão forte.

D.B. – Era um instrumento de pressão, sim. Aí, logicamente é... essas coisas foram acontecendo e tal... Eu me lembro muito bem, olha só, você não podia fazer nenhum tipo de atividade sindical dentro da Mercedes. Eu já consegui a minha liberdade. Aí, o que é que eu

fiz? Eu já coloquei uma mesa na porta do restaurante da Mercedes. O pessoal lá trabalhava em turno de revezamento, não é. Eu me lembro que o horário de refeição começava às dez e meia e ia até às três e trinta, três e quarenta e cinco, e eu ficava lá de plantão. Já coloquei uma mesa lá, uma cadeira, já levei os quadros de aviso do sindicato, ali, eu já tomei conta de um pedaço lá e já fiquei por ali; fui ocupando aquele espaço e pronto. Bom. Aí eu...

A.F. – Posso perguntar uma coisa?

D.B. – Pode.

A.F. – Você está deixando bem claro que você estava adotando uma mudança da visão sobre qual era o papel do dirigente sindical. Como era essa discussão dentro do sindicato? Você estava na fábrica e você participava da diretoria também. Com quem você trocava essa idéia em relação a?...

D.B. – Não. Mas veja você o seguinte. Por trás disso aí, Alexandre, já tinha a cabeça do Lula. Já tinha a cabeça do Lula. Porque essas coisas que aconteceram... Eu me lembro muito bem. Quando o Lula me convidou para fazer parte da diretoria do sindicato, o Lula foi muito franco, honesto e aberto comigo, ele disse para mim o seguinte: “Djalma, esse tipo de sindicalismo que até hoje é feito no Brasil, esse tipo de sindicalismo não serve mais para nós. Nós precisamos fazer um novo tipo de sindicalismo. Um sindicalismo de contestação, um sindicalismo de combatividade, um sindicalismo que você não fica dentro do sindicato esperando que trabalhador venha ter no sindicato. Nós vamos fazer um sindicalismo de porta de fábrica. Em vez de nós ficarmos esperando venha ter dentro do sindicato, nós precisamos inverter essa ordem: nós que vamos para porta de fábrica, procurar o trabalhador e conversar com ele na porta de fábrica. Esse é o tipo de sindicalismo. E Djalma, nós vivemos um momento de exceção, a plena ditadura militar, e aqui pode acontecer todas as coisas, não é. Você pode perder o emprego, você pode ser preso, pode haver intervenção no sindicato, e pode chegarmos até de desaparecer com você.” Quer dizer que o Lula foi muito franco, muito aberto. “Você topa fazer esse novo tipo de sindicalismo?” Eu falei: “Eu topo.” E aí, além dessa clareza dos objetivos do Lula, o Lula teve uma grande sacada, não é, porque ele falou assim: “Para nós fazermos esse novo tipo de sindicalismo, a essência e a parte fundamental é o trabalhador. Se nós não tivermos o trabalhador, nós não vamos conseguir concretizar os nossos objetivos, que é esse novo tipo de sindicalismo.” Foi aí que ele... é a sacada, não é. A disposição da diretoria do sindicato, o carisma do Lula, a liderança do Lula,

e contarmos com essa parte essencial e fundamental que era o trabalhador. Bom. E a partir daí... Eu me lembro muito bem... Porque algumas pessoas falam assim: é, mas não... Eu me lembro muito bem que, antes da eleição de 1975, nós fizemos um seminário sobre marxismo, leninismo, sindicalismo, socialismo, mais valia, e os professores foram o Barelli e a mulher dele, a Lurdinha. Quer dizer que ali, essa coisa já não era assim sem.. você ia de alegre, não, as coisas já... mais ou menos, as peças já começam se integrar, tendo uma conotação mais ou menos de classe, ideológica, não é. Eu me lembro muito bem...

A.F. – Barelli já estava no DIEESE?

D.B. – Estava no DIEESE, sim. Ele já era diretor do DIEESE. Já tinha aquela coisa lá. Eu me lembro muito bem, foi uma das primeiras perguntas, ela falou assim: “Quem que nasceu primeiro? Foi o capital ou o trabalho?” Quer dizer que, mais ou menos em cima desse questionamento aí, você já ia se afluando, já ia abrindo uma discussão mais ideológica, mais de classe, via essa questão do capital, do trabalho, da mais valia, não é; quer dizer que você, automaticamente, você que não tinha nenhum conhecimento, a partir dali, você já começou também se esforçar para conhecer. O sindicato também já fazia congressos, já se discutia um pouquinho mais de política, não é. Quer dizer que essas coisas, elas também foram crescendo dentro de uma certa normalidade porque o Lula tinha clareza, de uma forma bem cristalina, dos objetivos e do que ele esperava e o que ele queria a respeito desse novo sindicalismo. Quer dizer que o Lula, ele foi o fio condutor de tudo isso aí que aconteceu. Bom. Em 1975 então, eu dentro da Mercedes...

M.M. – Quem eram as outras pessoas que estavam no sindicato nessa época, nessa gestão, e que fazia parte desse debate? Porque você era uma pessoa que estava ligada à Mercedes. Que outros membros do sindicato estavam participando dessa discussão e tendo, digamos, uma atividade semelhante à sua?

D.B. – Não, porque essa questão da formação, dentro da Mercedes, quem ficava... Inclusive, dentro da Mercedes, se afastou o Machadinho e o Rubão, e fiquei eu e o Silas. E foi uma experiência ruim, dentro de uma inovação também da diretoria do sindicato. Porque a diretoria do sindicato sempre colocou como membros da diretoria horistas; e na Mercedes, fizeram uma inovação, colocaram um mensalista, que era um rapaz que chamava Silas. E fiquei eu e o Silas como representantes do sindicato. Eu tratando dos horistas e o Silas tratando dos mensalistas. E foi uma experiência ruim pra chuchu, porque esse Silas não fazia

nada. Aliás, fazia muita coisa para a Mercedes, não é. Mas para o sindicato dos trabalhador não fez nada. E, inclusive, eu fiquei com uma sobrecarga, porque eu tinha que também cuidar das questões dos horistas, não é, da minha relação com os horistas, e ao mesmo tempo, também, suprir essa deficiência desse companheiro que... acabou, só saiu o nome dele como diretor do sindicato. E foi uma experiência muito ruim.

A.F. – E nas outras fábricas grandes, nas outras automotivas, quem eram os diretores que estavam fazendo essa renovação, semelhante ao que você estava fazendo na Mercedes?

D.B. – Eu acho que, praticamente, essa renovação assim, dessa ruptura assim, de...

M.M. – Foi focada na Mercedes.

D.B. – Focada na Mercedes, foi muito mais uma iniciativa minha. E gozado é o seguinte. Por exemplo, em 1975, eu fui eleito suplente do Conselho Fiscal, que é um dos últimos cargos da diretoria do sindicato. Nós éramos vinte e três membros da diretoria do sindicato. A diretoria era composta por vinte e quatro diretores, mas nós éramos vinte e três membros porque o Paulo Vidal, que era presidente e depois foi substituído pelo Lula, o Paulo Vidal, ele era secretário-geral e ele acumulava o cargo de representante na Federação, não é. Nós éramos vinte e três diretor(es). E eu, o suplente do Conselho Fiscal era um dos últimos cargos. E eu...

M.M. – Todos tinham o cargo de diretor.

D.B. – Todos os cargos. Todos eram diretores. Ou era diretores executivos, era diretores suplentes, era diretores efetivos do Conselho Fiscal, era suplente do Conselho Fiscal, não é. Eu era suplente do Conselho Fiscal. Bom. Esse trabalho que eu desenvolvi dentro da Mercedes, eu acho que a diretoria do sindicato achou interessante o trabalho que eu desenvolvia lá dentro, aí eu comecei já a freqüentar mais o sindicato. Eu já era requisitado para sair da Mercedes para ir no sindicato para fazer curso, para conversar, para participar de reuniões aqui em São Paulo, para participar de dissídios coletivos e tudo. Já comecei a ser mais requisitado pela diretoria do sindicato. Bom. Em 1978, o Lula, mais uma vez, inova. Por exemplo, quase setenta por cento daquela diretoria de 1975, o Lula faz uma renovação. Quase setenta por cento. Eu que era suplente do Conselho Fiscal, na eleição de 1978, eu já fui como tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos. Quer dizer que eu saio da Mercedes, já

vou lá para o Sindicato dos Metalúrgicos como diretor executivo, cuidando do patrimônio do sindicato. É um cargo muito importante.

M.M. – De maior responsabilidade.

D.B. – E eu me lembro muito bem que, depois que a gente tomou posse, em 1978, no segundo mandato, eu fui...

M.M. – Esse já é o segundo mandato do Lula, não é?

D.B. – É o segundo mandato do Lula. Eu fui para lá, e o pessoal falou assim para mim: “Djalma, como você vai ser tesoureiro do sindicato, você vai cuidar do dinheiro do sindicato, vai cuidar do patrimônio do sindicato, nós vamos escolher uma salinha para você, um pouco lá...” Eu falei: “Não.” Uma sala no fundo, lá, para... Eu falei: “Não, não. Primeira coisa, o seguinte. Eu vim aqui, além de ser tesoureiro do sindicato mas, prioritariamente, eu vim aqui no sindicato para ser um representante dos trabalhadores aqui dentro do sindicato. Eu não quero ficar escondido aqui, não. Eu tenho a responsabilidade de ser o tesoureiro do sindicato, que eu sei dessa minha responsabilidade de cuidar do patrimônio do sindicato, mas o maior patrimônio que o sindicato tem, que eu preciso cuidar dele, são os trabalhadores que vêm aqui para me procurar.” Aí colocaram logo... você entrava assim no primeiro andar, logo de cara, tinha a minha sala. Aí eu ficava lá. Eu me lembro muito bem que eu ficava assim de frente e o cofre assim, do lado assim, não é. [ri] Quer dizer que eu não aceitei de jeito nenhum aquela ponderação das pessoas, que eu deveria ficar num lugar mais reservado porque eu era tesoureiro do sindicato e tinha que cuidar do patrimônio. Eu tinha clareza do patrimônio do sindicato, do prédio, das máquinas e tudo, mas para mim, na minha concepção, o maior patrimônio do sindicato era a classe trabalhadora, eram os metalúrgicos. Bom. Aí, em 1978, a posse de 1978... Bom. Aí, Alexandre, o seguinte. As pessoas falam, todos, a respeito, que as greves aconteceram a partir de 12 de maio de 1978. Porém as greves começou (começaram) a acontecer a partir de 25 de abril de 1978. O grande divisor de água de tudo o que aconteceu no movimento sindical, no meu modo de entender, foi o discurso do Lula em 1978. O Lula já tinha experiência de três anos, não é, e o Lula, no discurso dele, ele foi muito claro e muito objetivo. Ele disse o seguinte: “Não adianta vocês ir para dentro do sindicato” – falando para os trabalhadores...

M.M. – Isso era uma reunião?

D.B. – Não. Era a posse do... A posse, com quinze mil pessoas, lá na Vera Cruz. Ele disse o seguinte, mais ou menos, essas palavras: “Companheiros, companheiras. Não adianta vocês atenderem o pedido da diretoria do sindicato e irem nas assembléias do sindicato. Não adianta somente, também, vocês acreditarem e terem confiança na diretoria do sindicato. Essa situação que nós vivemos, para que a gente possa fazer uma ruptura com ela, romper com essa situação de arrocho salarial, e a opressão, repressão dentro da fábrica, de medo, a única coisa que você tem que fazer é o seguinte: é cruzar os braços. Parar as máquinas e cruzar os braços.” Lula foi muito contundente nisso aí. Dá para arrepiar, não é. Mas o Lula foi contundente. Bom. Logo em seguida da posse, acho que a posse foi dia 18 ou dia 19 ou dia 12 de abril, eu não me lembro, no dia 25 de abril, a Mercedes, no adiantamento da Mercedes, (ela fazia o adiantamento no dia 25 e o pagamento no dia 10) no dia 25, a repercussão, no meu entendimento, do discurso da posse do Lula, os trabalhadores da manutenção, da ferramentaria e do transporte, alguns setores pararam, dia 25, porque não veio aumento. Você me perguntou anteriormente se havia algum movimento. Houve um movimento no dia 25, porque receberam a antecipação salarial e não veio aumento. O que é que eles fizeram? Cruzaram os braços, não é. Foi a primeira grande reação. Eu me lembro que a Mercedes mandou embora dezoito trabalhadores. Eles nos procuraram no sindicato mas não deu jeito, foi mandado embora. Posteriormente a isso aí do dia 18...não, dia 25, dia 10 de maio, os trabalhadores recebe o pagamento, não veio aumento. No dia 12, eles entram na Scania... descem do ônibus, entra na empresa, se dirigem para o vestiário, trocam de roupa, chega no pé da máquina e não liga a máquina. Aí é a concretização da mensagem do Lula, não é: máquinas paradas e braços cruzados. A partir daí...

A.F. – E foi nessa segunda gestão que foram mudados os diretores.

D.B. – Mudaram os diretores, mudaram.

A.F. – Aí já estava todo mundo trabalhando mais dentro dessa linha.

D.B. – Sim, já estava todo mundo mais trabalhando nessa linha. O Lula fez uma renovação...

M.M. – E eram pessoas afinadas com ele.

D.B. – Era mais ou menos já, algumas pessoas já afinadas com o discurso, já sabendo o que podia acontecer e tudo. Já existia, mais ou menos, uma certa consciência de classe entre

nós, não é, sabendo dos objetivos. E falando: “Ó bicho, não tem jeito. Isso aqui não tem mais volta, não.”

A.F. – Na Mercedes então, nessa segunda gestão, continuam dois na...? É você e mais um?

D.B. – Não. Nessa segunda, o Machadinho cai fora, o Rubão continua, fico eu, o Rubens, e entra o Juraci e o Cláudio. Quer dizer que eu e Rubão fomos para a executiva... eu não sei se é executiva do sindicato – a diretoria efetiva do sindicato, e ficou o Juraci e o Cláudio no nosso lugar, no lugar do Rubens e no meu lugar, dentro da Mercedes. Aí acontecem as greves.

A.F. – O Gilson era da Mercedes?

D.B. – Não. O Gilson era da Scania. E aí? Continua?

M.M. – Continua. A Mercedes, então, era um foco irradiador importante.

D.B. – Não. O seguinte. É bom a gente especificar direitinho, para não dizer que a gente está cometendo algum tipo de injustiça. O ABC sempre teve uma tradição de luta e de organização sindical. Em 1946, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André... Porque você tinha o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, e o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo era uma subsede do Sindicato dos Metalúrgicos. Em 1946, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André elegeu o prefeito de Santo André, ligado ao sindicato. Era um operário. Quer dizer que é bom a gente falar dessa tradição de luta, não é.

M.M. – Já existia uma tradição de luta.

D.B. – É, existia já uma tradição de luta. O Partidão já teve muita força entre o operariado organizado, os metalúrgicos do ABC. Quer dizer que já teve essa tradição de luta.

A.F. – O PC era mais forte em Santo André, originalmente, não é.

D.B. – Sim, sim, Santo André, sim.

A.F. – Depois que vem a automobilística e São Bernardo cresce, isso...

D.B. – Sim, sim. Automobilística, é. Outra coisa também que... E logicamente, quando você quer desenvolver uma atividade sindical e você tem um projeto para desenvolver, analisando a questão da base de São Bernardo do Campo, com a maior

concentração de trabalhadores na indústria, nas montadoras, isso aí também, se você tem vontade de trabalhar... Porque a primeira coisa é o seguinte: se você tem vontade de trabalhar ou não tem vontade de trabalhar. Se você tem disposição de organizar os trabalhadores, de desenvolver um trabalho sindical ou não tem. Se você tem essa disposição, e nós tínhamos essa disposição, logicamente que a concentração de trabalhadores nas grandes empresas facilitou. Por exemplo, você tinha acho que cento e sessenta mil metalúrgicos. Você tinha quase oitenta, noventa mil concentrado nas montadoras, que era a Volks(wagen), a Mercedes, a Ford, a Scania, a Chrysler e a Karman-Ghia. Praticamente, você tinha mais de noventa mil trabalhadores concentrado nessas empresas.

A.F. – Só na Volks, quarenta mil.

D.B. – Uns quarenta e quatro mil, quarenta e cinco mil funcionários. Quer dizer que isso aí te facilitava, facilitava você desenvolver o trabalho sindical. E justamente aquele trabalho sindical proposto pelo Lula, que não era de você ficar esperando o trabalhador dentro do sindicato, (mas) de você fazer esse tipo de trabalho sindical na porta da fábrica. Porque se você também fosse esperar que o trabalhador se dirigisse para o sindicato, teria uma dificuldade muito grande, porque as empresas montadoras forneciam a condução para os trabalhadores. Quer dizer que ele terminava o seu turno de trabalho, ele já ia para casa. Quer dizer que essa coisa também facilitou essa concepção e esse entendimento do Lula de desenvolver esse tipo de sindicalismo de porta de fábrica. Eu me lembro muito bem que a gente fazia sindicalismo vinte e quatro horas por dia. Seis horas da manhã, nós já estava em porta de fábrica, na hora do almoço, porta de fábrica, saída, porta de fábrica. Mas nós perturbava tanto a vida dos trabalhadores que às vezes, nós chegávamos assim lá em Diadema, que as fábricas eram menores, os caras estavam jogando futebol, nós fazia eles parar o jogo para falar sobre sindicalismo. [ri] Eles estavam jogando truco, parava o truco para falar sobre sindicalismo. Às vezes eles ficavam “pô, esse cara do sindicato enche o saco, cara.” Quer dizer que foi um trabalho de perseverança muito forte, não é, daquilo ali, de acreditar no projeto do Lula, nas intenção do Lula, no que podia acontecer, não é. Quer dizer que... Foi tudo isso aí. E havia também uma integração. Agora vocês falam é interação, não é. Eu sou mais antigo, falo... [ri] Havia essa tal dessa interação, desses compromissos dos trabalhadores e da diretoria, das diretorias dos trabalhadores. Incrível quando isso

aconteceu. Quando eu desenvolvia atividade sindical dentro da Mercedes, às vezes eu era o verdadeiro confi... como é que é?

M.M. – Confidente.

D.B. – Confidente. Confidente de alguns companheiros, de problemas particulares deles, ele, a mulher, dos filhos, vinham contar para mim. Falavam: “Djalma, como é que a gente resolve e tal”. Quer dizer que havia essa troca de compromisso e de confiabilidade muito grande. E por que isso aí? Porque na diretoria do sindicato, o Lula também nunca disse aqui tem uma vanguarda, aqui tem uma vanguarda que vai na frente e vocês vão acompanhar. Não. Lá não tinha vanguarda. Lá tinha uma integração, uma união, uma ação conjunta da diretoria do sindicato com os trabalhadores. E essa confiabilidade, também, foi uma coisa que pegou muito forte. Pegou muito forte. E havia confiança. Quando a gente chegava na porta da fábrica assim, os trabalhadores todos nos recebia e falava - ó, o pessoal do sindicato está aí...

M.M. – Vocês tinham uma rede social, não é, de amizade, de vontade, de confiança.

D.B. – Tinha, tinha. De amizade, de confiança, de tudo. Foi estabelecido. Aí depois veio as greves. E a gente teve sucesso também, naquela primeira greve e tudo, e a condução da greve também. O sindicato, no primeiro momento, ele não assumiu que foi ele que promoveu a greve, não é. Tinha até uma certa preocupação, a diretoria toda...

M.M. – Mas, na verdade, acredito que fez a greve.

D.B. – Na verdade, fez. Mas não quis assumir publicamente.

M.M. – É. Por causa da questão da repressão.

D.B. – Sim, por causa da repressão. Mas não quis assumir. Porque o Gilson... Dentro da Scania, tinha o Gilson, tinha o Severino, que era dois companheiro porreta, e tinha outros ativistas sindicais, os caras era a fina flor da combatividade, não é. Quer dizer que na hora que surgiu a greve, publicamente, a gente não quis assumir, mas a greve, logicamente, tinha acontecido todo um trabalho para que ela pudesse acontecer. E o próprio discurso...

M.M. – E o Gilson e o Severino eram do sindicato também.

D.B. – Era da Scania, sim. E o próprio discurso do Lula. O discurso do Lula foi claro, foi objetivo. Ele, praticamente, o Lula fez a decretação das greves na posse, não é. Ele decretou as greves na posse da diretoria, com o seu discurso. Bom.

A.F. – E aí vocês viraram uma referência nacional. Seu sindicato, depois dessas greves, ele começa a chamar a atenção do país todo. Lula mesmo, é nesse momento que ele aparece, em revista e tal, como personalidade do novo sindicalismo. Dessa renovação que vocês fazem no sindicato para a discussão do PT, como é que você acompanhou isso? Porque em 78 também começam as primeiras...

D.B. – Então. Essa questão toda como referência, 12 de maio de 1978... Bom. Porque a grande verdade também é o seguinte. Essas coisas, elas foram se somando, elas foram aparecendo, foram se somando, foram se ajustando, não é. Greve, reivindicações por melhores condições de trabalho, por melhores salários. Aí, o oportunismo do MDB, não é, de tirar proveito do movimento, não é. Aí...

M.M. – Nesse momento vocês já estavam pensando um pouco na coisa do partido, ou não?

D.B. – Não, não. Não estava pensando. Mas as coisas, elas foram se ajustando de acordo com as necessidades que estavam surgindo. Faz greve, pega melhores salários, melhores condições de trabalho, o partido político, que era o MDB – a ARENA, nem se contava -, o MDB, se teve alguma participação, foi muito mais tentando capitalizar do que contribuir, de ajudar no geral, e os trabalhador falava para a gente... Porque aí a coisa começou ganhando uma conotação não sindical, mas uma conotação mais política partidária. Aí os cara falava assim: “E aí? Como é que é? Está faltando ônibus lá na rua, no bairro que eu moro.” “A creche não funciona, porra!” “Ó, não tem saneamento básico. O posto de atendimento na saúde, lá, também não existe.” Essas coisas também, elas foram também se ajeitando para lá, para cá, para cá, aí o Lula também, na hora, o Lula saca isso aí, não é. Ele fala assim: “Porra, essa coisa aqui...” Eu me lembro muito bem, me parece que foi junho de 78, me parece que teve um congresso de trabalhadores na Bahia, e o Lula foi para lá. E acho que lá, nesse congresso, que saiu o negócio de... Nesse período aí, já estava se falando em pluripartidarismo, não é.

M.M. – Era a reforma partidária.

D.B. – A reforma partidária. Já tinha mais ou menos algumas coisas sobre isso aí. E acho que, lá, o Lula disse mais ou menos isso aqui: “Somente a classe trabalhadora será capaz de formar o seu partido.” Bom. O Lula fala isso aí, isso aí tem uma repercussão. Aí ele vem para o sindicato, e numa reunião da diretoria do sindicato, ele fala isso aí e fala assim: “Nós precisamos começar a pensar na formação de um partido político.” Aí, alguns concordam, outros discordam, acha que a coisa tem que amadurecer mais e tal...

A.F. - No início, o próprio Lula era muito contrário.

D.B. – Sim, no início, era. Mas depois, ele também começou a perceber (ele fez essa declaração também e tem gravado isso aí) que o sindicato é para resolver os atritos entre o capital e o trabalho e o partido político é para mudar a sociedade. Quer dizer que ele já tinha isso daí também, mais ou menos. E essa coisa juntou: a questão da necessidade sentida pelos trabalhadores, que tinham o sindicato como instrumento de luta, na defesa dos seus interesses econômicos e condições de trabalho, mas faltava também um instrumento político, também, para que pudesse chegar no seu local de moradia e lutar por melhores condições de residência, de saúde, de creche, de educação, transporte e tudo isso aí. E essa coisa foi a grande sacada que o Lula teve. A partir daí, essa coisa, ela começa a ganhar corpo, vai para a sociedade, uns acreditam, outros não acreditam; houve muita resistência, de uma forma sacana, não é, os caras falavam que era o partido dos macacões, não é, partido dos macacões do ABC, que essa proposta não ia para a frente; aí, depois, era a proposta do Estado de São Paulo (o jornal?), “mas onde já se viu?” – que não ia para a frente, que não ia cumprir a legislação. Então... E aí a coisa vai para a frente, com todas as dificuldades que a gente teve.

M.M. – Vocês tinham contato com esses políticos de São Paulo, com aqueles grupos da esquerda mais organizada?

A.F. – Na campanha de 78, o Lula mesmo apoiou o Fernando Henrique.

D.B. – Então. Na campanha de 78, nós... Aliás, na campanha de 75. Olha, na campanha de 1975, nós do sindicato dos Metalúrgicos, eu, como diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, na Mercedes, eu fiz campanha para o Nelson Fabiani e para o Marcelo Gato. O Marcelo Gato, ele era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. O Marcelo Gato, em 1975, ele teve cento e dois mil votos. Quer dizer que tinha uma participação. A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos, em 75, fizemos campanha para eleger o Tito Costa

prefeito de São Bernardo. O Lula, em palanque, nós apoiamos tudo. Campanha para o Marcelo Gato. Em 1978, houve aquela conversa toda lá, o Fernando Henrique Cardoso como o segundo candidato do MDB, nós fizemos campanha para ele. Porque o Fernando Henrique Cardoso era o candidato e o dr. Maurício Soares era o primeiro suplente na chapa do Fernando Henrique Cardoso.

[FINAL DA FITA 1]

D.B. – Porque a grande verdade é o seguinte. Depois das greves de 78, São Bernardo do Campo passou a ser a grande referência política de novo que estava acontecendo no Brasil. E o pessoal que voltava do exílio, todo mundo passava por São Bernardo do Campo; todo mundo queria ir lá no sindicato, todo mundo queria conhecer o Lula, todo mundo queria conhecer os metalúrgicos do ABC. Eu posso enumerar aqui. Fernando Henrique Cardoso, Almino Afonso, o Gregório, o Brizola, todos eles passaram lá pelo sindicato.

M.M. – Arrais.

D.B. – Arrais. Todos eles passaram por lá. Mas mesmo assim... Porque eu acho que a intenção do Lula, a intenção do Lula da formação do Partido dos Trabalhadores, não era uma proposta fechada. E aconteceu vários encontros também, em São Bernardo do Campo, com a presença de muitos intelectuais, pessoa ligada à igreja, pessoa ligada aos outros partidos. Eram encontros abertos, não é, para discutir. Quer dizer que não era uma proposta fechada. A idéia da formação, levando em consideração a existência já do MDB no período, mas a idéia da formação do partido dos trabalhadores, e se discutia de uma forma aberta. Teve idéia, também, da formação de outro partido além do PT, eu me lembro muito bem disso aí. Porém, a idéia do PT, nós encontramos muita dificuldade para a formação do PT. As dificuldades foram enormes. Vocês não imaginam as dificuldades para a formação do Partido dos Trabalhadores, levando em consideração a própria legislação, que é uma legislação que cerceava a criação de partidos políticos. Nós tivemos que nos desdobrarmos para cumprir a formação provisória do PT, por causa da legislação. Nós tivemos que nos desdobrar para fazer. Tinha que fazer filiações provisórias, tinha que existir... Por exemplo, em São Paulo, você tinha que ter o partido constituído em vinte por cento dos municípios. São Paulo acho que tinha quinhentos e poucos municípios, para você, sem nada... Eu me lembro, nesse período aí... Aí depois, teve a coisa do sindicato e tal, eu fui presidente do diretório estadual do PT. E a gente viajava para o interior, sem nada, com um fusquinha velho que a gente

tinha no sindicato, que o Lula tinha ganhado de presente de uma agência lá que deu para nós, nós viajavamos para interior, e não tinha dinheiro. Porque naquele período lá, os pedágios, meia-noite, os pedágio abriam, você podia passar de graça, e nós ficávamos esperando o pedágio abrir para poder passar, porque não tinha dinheiro, não é. E a dificuldade de cumprir a legislação, dificuldade econômica enorme, enorme, enorme. Para a gente alugar uma sala lá na praça Lauro Gomes, em São Bernardo, que foi o primeiro núcleo do PT, nós tivemos que fazer um livro de ouro: as pessoas contribuía, para a gente ir lá e alugar a sala. Quer dizer, legislação...

M.M. – Adversa.

D.B. – Adversa. A questão econômica... Que aí já estava todo mundo desempregado também, não é. Economicamente, todo mundo sem dinheiro. E outra coisa, as questões políticas: a resistência por parte do MDB e a resistência muito maior ainda por parte do Partidão. Porque o Partidão dizia o seguinte: os trabalhadores do Brasil não precisam de outro partido. Já existe o partido dos trabalhadores, que é o PCB. Quer dizer que tudo isso aí, foi muita dificuldade, muita dificuldade.

M.M. – Uma coisa que eu acho que é interessante registrar também é: como é que foi o final desse mandato do Lula? Na verdade, desencadeou-se uma repressão, vários de vocês foram... uma intervenção no sindicato...

D.B. – Voltando um pouquinho na história. Greve de 12 de maio de 1978. Nós enveredamos um pouquinho para o lado do partido político e esquecemos um pouco a questão das greves. Aí, o seguinte. As greves, o Lula, uma referência, um metalúrgico, a categoria e tal e... (fomos) bem sucedidos, fizemos um acordo extraordinário: na prática, nós rebentamos com o arrocho salarial, com a política salarial da ditadura militar. E o Lula, a grande referência, a grande liderança nacional, como o grande interlocutor da classe trabalhadora, a nova liderança, com seu carisma e tudo, para se dialogar naquele momento que não havia interlocução. Os trabalhadores conseguem, através do Lula, ter um seu interlocutor. Em compensação, do outro lado do sindical patronal, dos empresários, eles não tinham interlocução, não tinha interlocutor. E o Lula era essa grande referência. Bom. O ano de 1978. Aí vem o ano de 1979. Se nós fomos bem sucedidos nas greves de 1978, na prática nós conseguimos pegar a classe patronal de calça curta, que essa foi a grande verdade, porque eles nunca esperavam que podia acontecer – e acho que essa é a palavra, pegamos eles de

calça curta mesmo. Quando chegou em 1978 as coisas já começou a complicar. Porque a FIESP e a classe patronal, ele já se organizou melhor para se contrapor aos nossos objetivos. Quer dizer que os olhares dos militares e da classe patronal já ficou em cima do que São Bernardo poderia fazer. Quer dizer que em 1979, mudança de governo, sai o Geisel, entra Figueiredo, a posse do Figueiredo é dia 15 de março de 79, [ri] as greves começam, me parece, dia 14 de março de 79. Inclusive, alguns deles disseram que nós estávamos fazendo uma provocação. Mas não era verdade, porque não era provocação. Aí acontece a greve de 1979. A greve de 79, logicamente, já foi uma greve completamente diferente. Se em 1978 a greve aconteceu dentro da fábrica, com as máquinas paradas, os patrões já se organizaram para não permitir que se parasse dentro da fábrica, não é. Não deixou entrar na fábrica. O que nós fizemos? Nós tivemos que falar o seguinte: nós vamos fazer a greve do mesmo jeito, mas nós vamos fazer a greve fora da fábrica. Agora, fazer a greve dentro da fábrica é uma coisa, fazer a greve fora da fábrica é outra completamente diferente. Mas mesmo assim a gente faz a greve de 1979.

A.F. – Aí já é por categorias.

D.B. – Por categoria. Porque a greve de 78, ela... aconteceu as negociações com o (SINFAVEA), não é, mas mesmo assim... ela acabou acontecendo com a indústria de autopeças, com fundição e tudo - mas, não foi assim decretada. Em 1979 foi uma greve com toda a categoria. Quer dizer o sindicato, em 1979, decretou a greve: “Greve geral dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, a partir da zero hora do dia 14.” Quer dizer que foi uma greve preparada, organizada, conscientizada e decretada pela diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos. Bom. Greve, pauta de reivindicação; recomendação da FIESP para não se negociar. A FIESP, então, muito bem preparada, nós também, muito bem preparados. Mas, acontece o seguinte, aí não tem interlocução: a FIESP não quer negociar. E o Lula se preparando, a diretoria querendo negociar, e não tem negociação. Bom. Impasse. O Lula procura uma negociação com a FIESP e com o ministro do Trabalho. Eles pedem uma trégua de quarenta dias, uma trégua acho que de cinquenta dias. Eu não me lembro bem se era cinquenta ou era quarenta. Tem uma trégua. Acho que é de cinquenta dias. O sindicato oferece a trégua. Suspende a greve, volta a trabalhar. E depois de cinquenta dias, volta a se reunir na Vila Euclides. Bom. Nesse ínterim aí acontece a intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos. Estou fazendo a coisa cronologicamente, não é.

M.M. – Está. Está ótimo.

D.B. – Então tem a decretação da greve. A greve se prolonga não sei por quantos dias. Aí tem a intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos, o afastamento da diretoria. Isso em 79. Intervenção no sindicato, afastamento da diretoria. A diretoria continua sendo... É a primeira vez na história do sindicalismo no Brasil que mesmo a diretoria afastada do sindicato, ela tem o total reconhecimento por parte dos trabalhadores, que só aceita conversar com o patrão se tiver a presença de um diretor do sindicato. Quer dizer que nós, afastados da... Aí nós fizemos o seguinte... Nesse período aí aconteceu... Não. Não foi nesse período aí. Depois eu vou falar. Quer dizer que nós ficamos afastados. Aí tem as tréguas desses cinquenta dias. Durante as tréguas, o Lula negocia com Murilo Macedo, faz um acordo, que não é o acordo de interesse da categoria; mas nesse momento, lá na assembléia, no Vila Euclides, muitos discursos diziam o seguinte: o mais importante... E o seguinte. Já se sabia, se a greve fosse suspensa naquele dia, se a greve fosse suspensa, o trabalhador voltasse a trabalhar definitivamente, a diretoria do sindicato poderia ser reintegrada. Tinha essa coisa no ar. Bom. E nesse momento, lá na assembléia, no Vila Euclides, os trabalhadores, numa assembléia de cem mil, eles diziam o seguinte: mais importante para nós é a volta da diretoria ao Sindicato dos Metalúrgicos do que o aumento. Aí eles aprovam. O Lula pede um voto de confiança, eles aprovam. Aí a diretoria é reintegrada ao sindicato. A diretoria volta ao sindicato. Isso aí é 79. Acho que a volta da diretoria foi em junho de 79.

A.F. – Foi nesse período que vocês organizaram o fundo de greve?

D.B. – Não. Espera aí. Bom. Nós voltamos em junho de 79. Suspende a intervenção, e nós voltamos a assumir o cargo de diretor do sindicato. E eu me lembro de uma coisa que eu acho que foi super importante. Estava conversando com o Lula e o Lula disse para mim: “Djalma, então, o seguinte. O Ministério do Trabalho vai levantar a intervenção e nós vamos voltar para o sindicato.” Eu falei assim: “Ó Lula, eu quero dizer uma coisa para você. O que nós deveríamos fazer era o seguinte. Esse negócio do Ministério do Trabalho, para nós, não interessa nada. Nós não tem nada a ver com o Ministério do Trabalho.” O Lula disse para mim: “O que é que você está propondo?” “Eu estou propondo o seguinte: que nós deveríamos levar em consideração é ver se a categoria nos aceita ou não. Se a gente fez a coisa errada ou fez a coisa certa. Então, você deveria separar essa coisa do Ministério do Trabalho, e marcávamos uma assembléia no sindicato, e explicar para a categoria que nós

queremos saber é se eles nos aceita de volta ao sindicato.” Se você vê o filme *Linha de Montagem*, o Lula faz essa votação. É um dos momentos mais emocionantes, que o Lula chora igual uma criança. Ele fica assim... Daqui a pouco... [emocionado] Ele começa a... Quando ele termina de colocar em votação, o pessoal começa a se levantar, bater palma, ele começa a chorar. Bom. Voltamos para o sindicato. As nossas campanhas salariais... A data base do Sindicato dos Metalúrgicos era primeiro de abril. Nós voltamos para o sindicato em junho de 79. As nossas campanhas salariais eram em primeiro de abril. Nós começávamos as nossas campanhas salarial em janeiro - preparar a categoria, com as assembleias, com boletim, com tudo, em janeiro -, para chegar em abril com a categoria em ponto de bala. Nós voltamos para o sindicato, depois da intervenção, em junho. Nós começamos a campanha salarial em agosto de 79. [ri] O Lula foi intimado a ir na Delegacia do Trabalho para explicar por que nós estávamos começando a campanha salarial em agosto de 79. O Lula deu essas explicações. E nós continuamos, não é. Aí nós começamos. Nós tínhamos a *Tribuna Metalúrgica*, que era mensal, ela começou a sair semanalmente; nós aumentamos o boletim. Eu tinha lido um livro que eu ganhei de presente. *Germinal*. Você já leu o *Germinal*. Vocês leram? E o livro é melhor do que o filme. E o cara me deu, para mim, o livro. Eu li o livro e guardei. Bom. As coisas em São Bernardo, Alexandre, elas foram acontecendo... É difícil explicar. Às vezes não tem explicação. Mas elas foram... Eu li o livro, *Germinal*. E se vocês se lembrarem do livro, eles tinham um fundo de previdência, eles formaram um fundo de previdência. Bom. Nós fizemos a greve de 78 com o sindicato, com toda a estrutura. A greve de 79, houve a intervenção, o afastamento da diretoria, nós ficamos sem lenço, sem documento, sem nada. O que é que a gente fez? Volta para o sindicato, eu, como já tinha lido o livro, me deu a idéia da criação do fundo de greve.

A.F. – Porque você era o tesoureiro do sindicato.

D.B. – Eu era tesoureiro do sindicato. Aí eu falei: vamos formar o fundo de greve. Aí falei para o Lula, o Lula falou assim: “*Legal*.” Mas a nossa idéia da formação do fundo de greve não era [ri] – jamais - para pagar os dias para o trabalhador. Como é que nós poderíamos, o trabalhador contribuindo com dez reais por mês, pagar um dia dele, se ele ganhava duzentos? A minha idéia, na formação do fundo de greve, era também você ter um instrumento de luta a mais do que o sindicato. Porque você tinha um instrumento a mais de

luta, de mobilização, de conscientização, aonde você estava conscientizando o trabalhador para ele contribuir para o fundo de greve porque ele ia fazer greve.

M.M. – Tinha mais um caráter político do que se isso fosse resolver o problema.

D.B. – Um caráter político, é. Não é sacanagem da minha parte, não. [ri] Mas era...

A.F. – E para dar autonomia em relação à estrutura oficial.

D.B. – Para dar autonomia, sim, à estrutura também. Você não tinha a liberdade de autonomia sindical, você tinha... Bom. Então nós voltamos para o sindicato em junho, começamos a campanha salarial em agosto, mais forte. Aí nós não fazíamos as reuniões só no sindicato, só na porta de fábrica. Nós fazíamos reuniões nos bairros. E aí virou um inferno, não é. Aumentamos a propaganda do... do publicidade, o informativo, e o *Linha de Montagem*, já tinha o *Linha de Montagem*, porque nós já tínhamos o... montando alguma coisa de instrumento para estar ficando de perto com o trabalhador, conversando com o trabalhador. Bom. E reuniões nos bairros e tal, a mobilização. Trabalhávamos vinte e quatro horas por dia. O que nós trabalhávamos antes, nós começamos a trabalhar em dobro. Foi assim, um negócio assim... Você não imagina como é que era. Era vinte e quatro horas por dia mobilizando a categoria. Porque para nós também...

M.M. – Quem eram as outras pessoas do sindicato? Quando você fala nós, você se refere muito ao Lula, mas...

D.B. – Não. Tinha os outros diretores do sindicato, não é.

M.M. – E quem você destaca assim?

D.B. – Ah, tinha o Severino, que eu destaco, tinha o Devanir, que eu destaco... Quem mais? Devanir, o...

A.F. – E as fábricas? O Severino era da?...

D.B. – Da Scania.

A.F. – E o Devanir?

D.B. – O Devanir era da Volks. Quem mais? Bom, eu pediria de lembrar depois. Bom. A campanha salarial de 1980. Nós começamos ela em agosto. Toda a mobilização nos bairros, o desdobramento, boletim informativo, comissões de fábrica, não é, comissões de

fábrica, não se reunia na fábrica, se reunia no sindicato; assembleias no sindicato, todos os dias, nós tínhamos reuniões no sindicato. O sindicato passou a uma frequência assim de – sei lá, duas, três, cinco mil pessoas participando. Assembleia, reuniões, mobilizações, o Lula conversando, eu conversando, todos conversando. Um negócio assim incrível. Vem 1980. Eu não me lembro quando é que foi a decretação da greve, eu sei que veio a greve de 1980. A greve de 1980, nós já tínhamos um desafio, já, para nós da diretoria. Porque não ficou muito bem para nós aquele voto de confiança que o Lula pediu para os metalúrgicos. Aquilo ali não ficou muito *legal* para o Sindicato dos Metalúrgicos, pelo respeito, a consideração e a referência que era o Sindicato dos Metalúrgicos. Aquele voto de confiança do Lula não pegou muito bem, harmonicamente, nos ouvidos nossos nem dos metalúrgicos. [ri] Quer dizer que nós temos... é um desafio, não é, para 1980. E a gente deixou a categoria em ponto de bala. Mas deixou mesmo, ponto de bala. Decretação da greve de 1980. Primeiro, segundo, terceiro, quarto, sexto dia... Vou contar um segredo para vocês. Os principais oradores nas assembleias era o Lula e eu. Sei lá, quando chegou no décimo segundo dia, nós não tínhamos mais nada o que falar. E gozado é o seguinte. Que era um negócio assim incrível, não é. Ia para lá, todo dia tinha assembleia. Para vocês terem uma ideia, teve um dia que o Lula falou para o pessoal assim: “Ó, meus companheiros, o seguinte. Amanhã não vai ter assembleia. Vocês vão pescar, amanhã.” [risos] Acredita que foi todo mundo pescar? [risos] Foi todo mundo pescar. Aí, quando chegou lá pelo décimo terceiro ou décimo quarto dia, o Lula falou assim para mim: “Djalma, o que é que nós vamos fazer? Eu não tenho mais nada o que falar.” Eu falei: “Pô, se você não tem mais nada, imagina Djalma, não é.” [risos] Aí ele falou assim para mim: “Cara, a incompetência desses militares é tão grande. O que eles deveriam era intervir no sindicato e nos prender, viu.” Um negócio profético. Profético. A grande verdade era o seguinte: que a greve, ela estava num processo de esvaziamento. Ela estava já num processo de esvaziamento.

M.M. – Já estava num processo descenso.

D.B. – Hein?

M.M. – Sentindo o processo de declínio, um pouco.

D.B. – Declínio, sim, de esvaziamento. Aí o Lula fala isso daí para mim. Um negócio profético. Parece que três ou quatro ou cinco dias depois, os caras intervêm no sindicato, cassa a diretoria e prende a diretoria. Nem todos, não é. Por exemplo, prendeu o Lula... Na

hora, eles montaram um aparelho repressivo tão forte que, no sábado, seis horas da manhã, na mesma hora que ele estava prendendo o Lula, estava me prendendo e estava prendendo o Devanir. Aonde que eu morava, lá na Vila Vivaldi, o DOPS montou uma operação, que cercou quase um quarteirão inteiro onde que eu moro. E aquilo ali pegou mal *pra chuchu*. Mas para nós foi o ótimo, porque grudou uma repercussão enorme. E tinham marcado uma assembléia para o sábado, às dez horas, e os caras nos prendem às seis horas da manhã. Essa assembléia das dez horas - puta! aquilo infernizou, envenenou os metalúrgicos, não é. “Eles foram presos porque estavam lutando por vocês e tal”. *Aí meu*, aí a greve, que ela estava num processo de esvaziamento, com as nossas prisões, com a operação repressora que foi montada pelo DOPS e pelos milicos, bom, aí a greve ganhou uma envergadura muito grande, se fortaleceu mais. Foi uma greve que durou quarenta e um dias. Para você ver. Nós fomos presos, a greve estava no décimo sétimo dia. Depois das nossas prisões, mais vinte e quatro dias. Quer dizer que ela ganhou mais de vinte e quatro dias. Bom. O que é que aconteceu?

M.M. – Onde é que vocês foram presos?

A.F. – E vocês ficaram presos quanto tempo?

D.B. – Nós ficamos presos, acho que foi trinta e um ou trinta e dois dias.

M.M. – Quando foi? Você lembra?

D.B. – Foi... A prisão aconteceu no dia 17 de abril de 1980. Eu acho que é isso aí. Depois, era bom vocês conferirem. Bom. *Aí depois...*

A.F. – Fala um pouco da prisão, da experiência.

D.B. – Não, algumas pessoas falam assim... o problema (de) que não teve tortura física. Lógico. Não teve tortura física. Mas a prisão em si é uma coisa muito dolorosa, não é, é muito dolorosa. Só de você pensar que está preso, não é, psicologicamente, ela te machuca, te maltrata muito. E nós ficamos numa cela, justamente onde... Era uma cela enorme. Nós ficamos em dezoito pessoas na cela, não é. Porque eles prenderam o Lula, prenderam o Devanir, me prenderam, prenderam o irmão do Lula, o frei Chico, prenderam gente que não tinha nada a ver, não é. Inclusive não... Uma coisa *legal* aqui. Nós fomos presos e nós fomos lá para o DOPS, em São Paulo. E nós estamos lá, numa sala assim, esperando, todo mundo, nós lá, o Lula, eu, Devanir, o frei Chico, todo o pessoal lá, esperando para fazer a... fichar a gente. *Aí, daqui a pouco eu vejo chegando o José Carlos Dias, o Dalmo Dalari e não*

sei mais quem. Eles passaram assim, aí eu falei: “Lula! Pô, rapaz, daqui a pouco nós vamos estar solto. O professor Dalmo Dalari, o José Carlos Dias está chegando.” Daqui a pouco eles vieram lá para dentro. Tinha sido preso. [risos]

A.F. – Eu fiquei uns dias e... É uma eternidade. Você não sabe também quando vai terminar.

D.B. – É. Porque teve também a questão da incomunicabilidade, não é, aquele negócio dos oito dias lá, sem você ler jornal, sem saber hora, sem nada, nada, era um negócio muito... E a prisão em si, ela é muito dolorosa. Logicamente que a prisão com a coisa física e a psicológica é ruim, mas a prisão só psicológica é muito difícil. De você ficar ali, os dezoito caras, aquele corredor enorme ali, que é só aquela parte ali para você olhar o que está acontecendo do lado de fora, é um negócio muito ruim, não é. E as coisas dentro da cadeia. Por exemplo... O Lula sofreu demais na cadeia. Acho que o Lula sofreu demais. Por exemplo, os nossos depoimentos, todo dia nós prestava depoimento, mas nós prestava o depoimento gravado – o cara colocava o gravador e nós prestava o depoimento gravado. O Lula, os depoimentos do Lula era por escrito. E o Lula, era duas, três, quatro vezes por dia. Ele descia, (que nós ficamos lá no porão) ele descia, daqui a pouco, de meia hora, o cara subia ele, ele ia lá para cima. Teve um dia que nós estávamos todos... não é, lá no..., aí chamaram o Lula. Falamos: vai ser mais um depoimento por escrito. Daqui a pouco, ele voltou -, e era uns beliche enorme assim -, ele chegou -, eu estava assim, encostado, e ele chegou e fez *assim* no beliche, começou a escorrer umas lágrimas dele. Eu falei: “Lula, o que é que aconteceu?” Falou assim: “Minha mãe morreu.” Quer dizer que, também essa daí, não é, de a mãe morrer durante a prisão. Bom. Depois, teve uma assembléia lá em São Bernardo, os metalúrgicos voltaram para trabalhar, revoltado e tudo. E pediu... Nós fizemos uma greve de fome também, sabe. Fizemos uma greve de fome de quatro dias na cadeia, também. Porque nós achávamos que nós precisávamos fazer alguma coisa também dentro da cadeia, para que os metalúrgicos também pudessem se fortalecer mais ainda, ganhar ânimo, não é. Aí fizemos greve de fome de quatro dias. E durante a greve de fome, eles fizeram uma assembléia na praça da Matriz, terminaram a greve e ao mesmo tempo também pediram para o dom Paulo... Dom Paulo não, dom Cláudio, que era o bispo de Santo André, dom Cláudio. Para o dom Cláudio se dirigir lá para o DOPS, para pedir, que nós deveríamos suspender a greve, que os metalúrgicos decidiu. Eles suspenderam a greve e ao mesmo

tempo, também, se dirigia para ele, que fosse lá no DOPS pedir para que a gente suspendesse a greve de fome também. Quer dizer que a gente acabou suspendendo a greve de fome. Eu não sei se foi dois ou três dias depois, também nos liberaram. Mas tinha o processo da Lei de Segurança Nacional. Nós fomos enquadrados na Lei de Segurança Nacional. O Lula pegou três anos e meio, eu peguei três anos e meio. Aí, aquele negócio lá dos depoimento na Justiça Militar, aquela canseira toda, aquelas coisas todas. Mas, importante também, que a gente estava sofrendo também mas, ao mesmo tempo, também não houve uma esvaziamento da notícia do que estava acontecendo, e ficou muito em evidência. Aí depois, nós fomos condenados, aqui em São Paulo, na 1ª. Justiça Militar, a três anos e meio, o Lula, três anos e meio, os outros, eu não me lembro quanto foi. Aí depois, teve recurso para Brasília, aí nós fomos, lá no... eu não sei se é Superior ou é Supremo Tribunal, aí nós fomos absolvidos. Aí eu fui mandado embora da Mercedes, não é, fui mandado embora da Mercedes. Tem uma coisa muito *legal* também, dentro da prisão. [ri] Depois do período da... da *incomunicabilidade* - (alguma coisa eu consigo falar, não é) [risos] – os advogados iam nos receber, não é, aliás, nós íamos receber os advogados... (Porque o pessoal de lá falava: “aqueles guris lá”, ficava tudo olhando, não é.) Mas o Lula tinha os famosos bilhetinhos. Vocês já ouviram falar desses bilhetinhos do Lula?

A.F. – Acho que sim.

D.B. – Então. O Lula escrevia bilhete durante a noite ou na parte da manhã. Quando os advogados chegava, ele mandava os bilhetinho para os (pelos) advogados, para ler nas assembleias, sabe. [risos] Os advogados levavam o bilhetinho, chegavam lá: aí, companheiro, aqui tem um bilhetinho do Lula. [ri] Aí os caras liam o bilhetinho. Então. Aí depois, a Lei de Segurança Nacional, tudo, fomos absolvidos e tudo, e eu fui mandado embora da Mercedes e tal. Mas nós já tínhamos o fundo de greve, não é. O sindicato na mão do interventor, e nós lá, com o sindicato paralelo, do fundo de greve; com sede, com tudo, não é. Nós fazíamos... Porque nós não tinha dinheiro, não tinha nada, não é, todo mundo numa pior. Nós, todo dia dez, eu ia para a porta de fábrica pedir dinheiro para os metalúrgicos para a manutenção do fundo de greve. Nós ia com umas toalhas assim, uns lençóis assim, na porta de fábrica, o cara dava dinheiro, para nós fazer fundo de greve. Para nós sustentar, não é, pagar o aluguel, fazer material e tudo. Quer dizer que ficou um sindicato paralelo, com o fundo de greve. O interventor estava lá, o prédio estava lá, e o

sindicato mesmo era o fundo de greve, que era ali na Alferes (Bonir), ali perto da cooperativa da Volks. Bom. Houve alguns *desbum* na diretoria do sindicato, não é. Alguns foram procurar o que fazer. Aí o Lula chamou alguns e falou assim: “Ó, pessoal, o seguinte. Não é isso aí que a gente espera não. A categoria não espera da gente isso aqui, não. A categoria não espera isso aí está acontecendo e nem eu espero, também, o que vocês estão fazendo, o que alguns de vocês estão fazendo. A nossa tarefa aqui, cada um só vai cuidar da sua vida, se é que vai cuidar, depois que nós restabelecemos a normalidade da vida dos sindicatos.” O que é que era essa normalidade, para o Lula? Era o seguinte: um processo eleitoral, com chapas concorrendo, e que os metalúrgicos pudessem votar nessa chapa, colocar o presidente do sindicato e uma diretoria do sindicato, e a vida do sindicato se normalizar. Isso era o que o Lula disse para nós. A gente só vai cuidar cada um da sua vida depois que nós cuidarmos da vida do sindicato, para normalizar.....

[FINAL DA FITA 2-A]

D.B. – (.....) não tem jeito. Você está aqui, nós vamos continuar junto. Agora tem mais um problema, Djalma. Eu estou com o negócio do PT agora, eu estou requisitado para viajar pelo Brasil inteiro, estou indo para os outros lugares, eu não tenho condição de cuidar dessa tarefa nova que é o estabelecimento da normalidade da vida do sindicato. Você vai ficar incumbido disso aí. Você topa?” Eu falei assim: “Ah, eu topo, não é.” Aí quer dizer que o Lula foi fazer o PT e eu fiquei incumbido da tal normalidade da vida do sindicato. E eu falei assim: “Mas, e aí? Você não vai ajudar nada?” Ele falou assim: “Eu vou te dar algumas ajudas.” Eu falei: “Qual?” Ele disse: “Espera.” Aí o Lula teve mais uma das grandes façanhas dele. Tinha o interventor no Sindicato dos Metalúrgicos. Com o interventor de confiança do ministro do Trabalho, do Murilo Macedo, dentro do sindicato, essa normalidade poderia acontecer mas ia demorar muito. O que é que o Lula fez? O Lula foi conversar com o Joaquinção, que era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos em São Paulo, e falou para o Joaquinção: “Joaquinção, você precisa falar para o Murilo Macedo que não adianta ele continuar com o interventor lá, no Sindicato do Metalúrgicos de São Bernardo. Ele continua com o interventor lá, a minha diretoria continua lá, fazendo o sindicalismo melhor do que antes, porque ele não tem que prestar conta para o governo nem para ninguém. Eles estão melhores agora.” Aí o Joaquinção falou: “O que é que você está querendo com isso aí?” O Lula falou: “Faz o seguinte. Você fala para o Murilo Macedo isso aí, e (fala) para colocar

uma junta lá em São Bernardo, uma junta dos trabalhadores, para que eles possam desenvolver a normalidade do sindicato. Mas não fala para o Murilo Macedo que foi eu que te falei, hein, Joaquim. Você vai lá, fala que isso aí é idéia sua.” Como Joaquinção era de confiança do Murilo Macedo, Joaquinção vai lá e fala para o Murilo Macedo. O Murilo Macedo morde a isca.

M.M. – Joaquinção foi fiel ao Lula.

D.B. – Foi fiel ao Lula.

M.M. – Coisa engraçada isso.

D.B. – O Joaquinção vai, fala com o Murilo Macedo, o Murilo Macedo falou: “Está bom. Você coloca quem?” O Joaquinção: “Pode deixar, que eu coloco gente de confiança.” Quando chegou, falou para o Lula que o Murilo Macedo tinha mordido a isca, o Lula já tinha a junta pronta. Colocou o Afonso Monteiro, [ri] colocou o Janjão, que era compadre, e colocou mais dois caras que era de confiança da diretoria e do Lula, como uma junta administrativa. O Murilo Macedo suspende a intervenção, tira o interventor, coloca a junta. Sei lá, numa terça-feira. Na quarta-feira, está toda a diretoria dentro do sindicato. [ri] O Afonso falou assim: “Quem representa aqui são vocês, eu não mando nada aqui, nada.” [ri] Aí nós entramos para dentro do sindicato. E falamos para o Afonso: “Ó, Afonso, nós precisamos restabelecer, eleger uma nova diretoria e tudo.” Aí começou o processo da eleição de uma nova chapa. Aí eu, que estava incumbido desse processo, a maior dificuldade que eu tinha é que eu não achava quem queria ser diretor do sindicato. Quando o cara queria, a mulher não deixava, quando a mulher deixava, o cara não queria. “Pô, mas vocês estão loucos? Quem é que vai substituir o Lula?” Mas com muito sacrifício, com tudo, com muita disposição, com muito contato e tudo, consegui formar uma chapa para concorrer, que foi a chapa encabeçada pelo Menegheli. Eu sempre fazia as coisas e consultando o Lula, fazendo as coisas e consultando o Lula. E tinha o pessoal do Osmarzinho, do Wagner e do Alemãozinho, que eles queriam fazer parte da diretoria do sindicato, mas o Lula não concordava. Lula não concordava, e eles não fizeram parte da diretoria.

A.F. – Era o pessoal ligado ao MR-8.

D.B. – É, ligado ao MR-8 e ligado a outras coisas que eu não sei o que é que era. [ri] Até hoje eu não consegui descobrir. Mas o Lula não concordou. Como o Lula não

concordou que eles fizessem parte da diretoria, eles formaram uma chapa, para disputar com a nossa chapa que era a chapa encabeçada pelo Jair Menegheli. Aí teve um encontro do Lula e o Osmarzinho. O Osmarzinho é que encabeçou a chapa. O Lula falou assim: “Ó, Osmarzinho, vocês são muito pretensiosos. Mas vamos fazer o seguinte. Se vocês tiveram mais de dez por cento dos votos da categoria, eu pago um jantar para vocês, com uma cervejada.” [ri] Eles tiveram nove por cento. [risos] Bom. Aí acontece as eleições no sindicato, a posse da diretoria, a normalidade na vida do sindicato. Normalidade para nós, porque as greves continuam, não é, e não tinha jeito de parar. Que o metalúrgico fazia. *(Ah, vou bater na bunda da diretoria.) Não tinha jeito. Tinha que fazer greve. (Não tinha esperança. Aprende, não é.) (*Meio confuso esse trecho*) Bom. Aí eles vão para dentro do sindicato. Aí deu o negócio do PT. Aí eu começo a me dedicar mais ao PT. Eu sou presidente do diretório estadual do PT...

A.F. – Antes de chegar nessa coisa do PT. Nessas reuniões anteriores à reunião do Sion, a própria reunião de fundação, no Sion, você participou? Você estava lá no dia?

D.B. – Não. No dia do Sion, eu não estava. Eu não estava, não.

M.M. – Mas antes você estava, não é? Naquela reunião de outubro de 78, lá em São Bernardo.

D.B. – Estava, sim. Estava, sim. Eu também não estava... Por exemplo, algumas pessoas... Se comentou muito. Nesse negócio dos 25 anos do PT, se comentou muito a respeito do congresso dos metalúrgicos do estado de São Paulo em Lins. Alguns falam que a proposta da criação do PT foi proposta de um, foi proposta do outro, foi proposta do outro. Para mim, e conversando com o Lula, essa proposta da criação do PT através do congresso dos metalúrgicos foi... O Lula sempre foi contra, eu sempre fui contra, dentro daquela visão de que o sindicato não pode ser correia de transmissão. Agora, se você tem, de uma forma clara e objetiva, que o sindicato não pode ser correia de transmissão do partido, como é que você tem uma proposta da criação de um partido num congresso de metalúrgicos? Quer dizer que essa proposta da criação do PT que surgiu no congresso de Lins foi muito mais oportunismo da Convergência Socialista. Foi oportunismo da Convergência Socialista, porque toda a direção, aquelas pessoas que de fato tinham a idéia da formação do PT, não queria que surgisse esse projeto, essa proposta da criação do PT através de alguma coisa do sindicato, ainda mais num congresso de metalúrgicos. Quer dizer que foi oportunismo da

Convergência Socialista, que colocou na cabeça de algumas lideranças sindicais, e eles foram lá e defenderam a proposta. Mas foi oportunismo político.

M.M. – Agora Djalma, também, essa coisa da repressão em cima do sindicato, a intervenção, todos esses episódios que têm lugar nos anos 70, isso, de uma certa maneira, foi um impulso na direção da criação do partido. Porque ficava evidente que tinha que ter outros canais de reivindicação, de luta, para além do sindicato. Não? O que você me diz disso?

D.B. – Eu não sei. [dúvida]

M.M. – Não estabelece uma relação?

D.B. – Não. Eu não estabeleço essa relação, não, porque... A grande verdade é o seguinte. O sindicato, ele sempre foi usado como massa de manobra pelos partidos políticos, não é. E os partidos políticos existentes até aquele período, eles nunca quiseram ou tiveram disposição de facilitar ou ajudar a criação de um partido político porque – eles já são o MDB –, por que eu vou falar para esses caras criar um partido político? E o próprio MDB, na época, também, ele era contra a criação do PT.

M.M. – É. Eu não digo desses outros partidos, não. Eu digo, da parte de alguns membros do... como o Lula, por exemplo.

D.B. – Então. Mas aí foi a questão da sensibilidade que aflora na pele do Lula. Naquele momento ali, ele sentiu aquela oportunidade e falou: esse é o caminho. E as coisas... Acabou, a conjuntura, a circunstância, o momento, tudo ajudou e contribuiu para que pudesse se criar o Partido dos Trabalhadores. Agora foram dificuldades *imensas*. Você não imagina a dificuldade que foi para criar o PT. Talvez, se não fosse através da liderança do Lula e do movimento sindical de São Bernardo do Campo e do ABC, eu acho que dificilmente se criaria um partido político, não é, com a envergadura, com o tamanho, com a postura do Partido dos Trabalhadores.

M.M. – Ah, certamente. E com o formato, não é.

D.B. – Com o formato do Partido dos Trabalhadores.

A.F. – A primeira função que você exerceu no PT foi de presidente do diretório estadual?

D.B. – Não. Eu, a primeira... [ri] Eu fui tesoureiro do sindicato, eu fui tesoureiro dos presos lá no DOPS, e no PT, na comissão provisória do PT, eu fui tesoureiro também. [ri]

M.M. – Você era o homem do dinheiro. Está sempre tomando conta da grana.

D.B. – Eu era o homem do dinheiro. E o pior, o seguinte. Para vocês ter idéia, no fundo de greve, eu era o tesoureiro também, do fundo de greve. E os caras... Gozado, o seguinte. O DOPS intimou toda a diretoria do fundo de greve lá no DOPS, lá na General Osório, e todo mundo... os caras iam fazer depoimento, ficava falando: “Quem sabe é o Djalma.” [risos] Aí quando... o cara falou: “ô meu, você é o todo-poderoso. Onde é que está toda a grana?” [ri] Então. Depois, eu fui tesoureiro da comissão provisória, aí, depois, eu fui presidente do diretório estadual do PT. Aí eu fui escolhido para ser candidato a deputado federal.

M.M. – Na eleição de 82.

D.B. – Na eleição de 82, eu fui eleito deputado federal com cento e sessenta e quatro mil votos. Aí depois, na eleição de 86, eu não me reeleigi.

M.M. – Como é que foi essa experiência? Você que era um homem de sindicato, que tinha toda uma prática, uma experiência de fazer política de uma determinada maneira, como é que foi a sua experiência de ir para Brasília, de ser deputado, de conviver com uma nova forma de fazer política?

A.F. – Antes de falar de Brasília, vamos falar da campanha. Porque eu sei, você até nos contou aqui que a campanha de 82, uma campanha que o partido fez com recursos muito escassos, foi difícil. Eu sei que você tem “causos” fantásticos.

D.B. – Então. A campanha de 82, a campanha do Lula para governador, a campanha do Jacob para senador, do Hélio Bicudo, dos candidatos a deputados estaduais, deputados federais, candidato a prefeito, vice-prefeito e vereadores, não foi diferente daquela situação econômica que estava o Partido dos Trabalhadores, que ninguém tinha dinheiro, não é. Eu me lembro bem que eu me dirigi uma vez lá para a cidade de Mauá, e nós tínhamos um companheiro lá, o Getúlio, que era candidato a vereador, e ele tinha um carimbo, não é. Ele tinha resto de papel de computador e ele tinha um carimbo que, (no) carimbo, estava: Lula governador, Jacob senador, Helio Bicudo, o Lulinha, candidato a prefeito, o Getúlio vereador, o Djalma deputado federal e o Expedito Soares deputado estadual. Quer dizer que, no

carimbo, ele fazia o material carimbando, não é. [risos] Carimbando. E dinheiro, ninguém tinha. Por exemplo, eu quero falar para vocês o seguinte. Eu não gastei um tostão na minha... (campanha). Vocês podem não acreditar, mas não gastei. Olha, tive cento e sessenta e quatro mil votos. Não gastei um tostão na campanha eleitoral, porque não tinha. Eu me lembro que chegava o material...

M.M. – Mas também, nessa época, tinha uma militância...

D.B. – É. A militância era muito aguerrida.

M.M. – É. No Rio de Janeiro, a eleição do Lysâneas Maciel, para a campanha, virou uma coisa. *(Falam juntos. Não dá para entender)*

D.B. – É. A militância do PT era uma militância muito aguerrida. Era campanha dentro das fábricas, para mandar fazer material, não é, e de todos os candidatos; era das festas que a gente fazia, eram os bingos que a gente fazia, não é. Quer dizer que as coisas eram muito mais difícil, mas a gente fazia, em cima dessa dificuldade, com muito mais alegria, com muito mais integração, com mais...

M.M. – Era uma festa muito grande.

D.B. – Era uma festa. E as pessoas tinham satisfação de fazer as campanhas do PT porque era muita alegria. Não eram as campanhas raivosas, essa luta pelo poder desenfreada que a gente vê hoje, não é, ataques, a contra b, b contra c. E você vê, no fundo, no fundo, tem dinheiro mas não tem alegria, para fazer as campanhas eleitorais.

A.F. – Você e a Vera, não me lembro qual foi o evento que teve aqui na Fundação, a Vera Soares, vocês estavam comentando sobre um episódio, que estavam se dirigindo para uma cidade e aí tinha um político local que queria fazer o prefeito e ele...

D.B. – Ah. Então. Isso aí foi as famosas caravanas que se realizavam aqui. O Lula candidato ao governo, e nós fazia as caravanas e saíamos aí, pelo interior afora. E aquela miserabilidade terrível, não é. E nós saímos numa sexta-feira. Quando chegou no domingo... Aliás, (saímos) na sexta-feira; no sábado, nós não tinha jantado, não é, e chegou no domingo, nós fomos lá para a região acho que é de Catanduva, não sei, não me lembro muito bem. E o pessoal fazia o seguinte. Quando nós estávamos nos aproximando da cidade, o pessoal ficava nos esperando na entrada, com caravana, com a bandeira do PT, com caminhão de som e

tudo. E nós chegávamos, vamos dizer assim, na entrada da cidade, e se dirigiam para a praça principal para fazer o comício, conversar com as pessoas, e o Lula fazer o discurso. E eu me lembro que era um domingo, mais ou menos umas três horas da tarde, nós não tínhamos jantado no sábado, não tinha tomado o café da manhã, e no domingo, às três horas da tarde, todo mundo morrendo de fome. Anêmicos, não é. E a gente se dirigiu para ir lá para essa cidade. Quando nós chegamos na entrada da cidade, o nosso candidato a prefeito, acho que era um cara da elite lá da cidade, nos esperou; e quando a gente estava se aproximando, ele se aproximou do Lula, abraçou o Lula, falou: “Lula, vocês atrasaram muito, rapaz. Eu matei dois bois para fazer o churrasco. Eu estou esperando vocês.” [ri] Ah... a boca encheu de água. [risos] E o Lula falou: “Seu filha da mãe! Vocês sabem que eu sou contra isso aí! Nós não vamos. Eu não vou comer churrasco nada!” E o Lula não foi e não permitiu que nós fôssemos comer o churrasco. [risos]

M.M. – Que tragédia. [ri] E vocês ficaram com fome.

D.B. – Ficamos com fome.

A.F. – Tem outra história, que vocês contaram também, que era um negócio assim, não sei se era o Toninho da Pamonha...

D.B. – Ah, sei. Nós fomos a um comício em Arujá, aqui na Dutra, e nós chegamos lá de noite. Era... aquelas loucuras toda, não é. E o Lula tinha como discurso, ele candidato ao governo, não é, ele dizia o seguinte: “Pois é, companheiros. Dessa vez, essas eleições vão ser diferente. Essas eleições, vocês têm em quem votar. Nessas eleições, você vão votar numa pessoa igualzinho a vocês. Nessas eleições, vocês não vão votar no dono da universidade, no dono do banco, no dono da fábrica.” E lá, em Arujá, o cara mais forte era o dono dos ranchos de pamonha. [risos] Toninho da Pamonha. E o Lula foi: “Vocês têm que saber também que, dessa vez, vocês não vão votar no dono do rancho da pamonha.” [risos] O cara estava com um monte de cupincha em volta do palanque, [ri] uns cara forte, não é, e nós tínhamos como segurança o Paulo, Paulo Prates. Ele era chefe da segurança do Lula e nosso. E na hora...

A.F. – Era do PCBR.

D.B. – É. O Paulo Prates, ele era do PCBR. E na hora que os caras... [ri] Terminou o discurso, os caras vieram. Nós ficamos com medo, não é. E o Paulo Prates, que era o chefe

da segurança, o óculos dele caiu. Aí ele ficou muito mais preocupado em procurar o óculos do que dar segurança para a gente. [rindo]

A.F. – Mas escaparam.

D.B. – Escapamos. E depois, no fim, o cara virou amigo do Lula, o cara mandava pamonha na casa do Lula. [ri]

A.F. – Mas teve um choque grande, eu não sei como você avalia isso, mas tem muita gente que avalia como uma grande decepção o resultado de 82, porque, durante a campanha, num determinado momento, os mais otimistas chegaram a achar que o Lula podia ser eleito governador. Como é que você sentiu isso?

D.B. – Eu também. É o seguinte. Quem participou efetivamente no processo, na campanha eleitoral, foi criada essa expectativa. E não foi de graça que se criou essa expectativa, porque os maiores comícios que foram feitos, foram feitos pelo PT e pelo Lula. Nós íamos em cidades, por exemplo, foi feito um comício em Andradina, às onze horas da manhã, porra, tinha cinco mil pessoas; Votoporanga, oito mil pessoas. Então, os maiores comícios. E criou essa expectativa, não é.

M.M. – Mas era por causa da força da militância, que era muito grande.

D.B. – Era a força da militância e a novidade do Lula e do PT.

M.M. – E a forma como as campanhas, também, era feitas.

D.B. – É. E depois, outra. Mesmo os caras que não iam votar no PT, mas eles iam, como curiosos, nos comícios, para ver o discurso do Lula, para ver o PT, para ver o Lula. E isso aí criou uma expectativa. Eu também pensei que o Lula ia ganhar para governador. Agora dizem que o homem lá em cima escreve corretamente por linhas tortas, não é. Talvez, não seria o momento ideal, o Lula ter ganho a eleição para governador do estado de São Paulo, não é. Talvez, se ele tivesse ganho, posteriormente, acho que ele não se elegeria presidente da República, não é. Que essa escolha do Lula também é um negócio que não tem explicação. Todo mundo falava que ele tinha que ser candidato a prefeito de São Bernardo do Campo para adquirir experiência. Que não é verdade isso aí. Ninguém precisa passar por uma prefeitura ou um estado para chegar a presidente da República. Tanto é verdade, que ele

está provando isso aí. E de fato, ele vai, se candidata a presidente da República por três vezes, e na quarta vez ganha. É um trabalho até de perseverança.

M.M. – Persistência.

D.B. – De persistência, não é. De crença. De crença. Porque Lula... A grande verdade é a seguinte. A questão da determinação do Lula, eu acho que poucas pessoas no mundo têm a determinação que o Lula tem. Eu jamais faria o que ele fez. Acho que poucas pessoas ou ninguém. Disputar quatro vezes, para ganhar na quarta. Não. Acho que a determinação dele é uma das maiores qualidades que um ser humano pode ter, é a determinação do Lula.

A.F. – Mas você foi eleito. Você foi para Brasília. E aí?

M.M. – Pois é. Eu vou retomar a minha pergunta. Como é que foi essa experiência?

D.B. – Então. Mas o pior de tudo era o seguinte. [ri] Eu pensava, na minha cabeça, [ri] não, eu fui eleito deputado federal, agora o PT vai me ajudar. O PT vai me ajudar. O PT vai me apoiar, o PT vai me assessorar. [ri] E eu juro por Deus, eu fiquei sozinho, abandonado. Às vezes eu ia, Alexandre, às vezes eu ia lá... Eu tinha um apartamento. Dos oito, o único que ficou com apartamento lá fui eu. Chegou dormir cem caras, cem pessoas no meu apartamento, viu. Que ele passou, o apartamento, passou a ser uma referência. Eu tinha um quarto lá, onde que eu ficava, e o resto, os caras tomava conta, sabe. E eu ia para aquele quartinho lá, às vezes eu chorava, sabe. Mas eu cheguei (a) chorar. Falei assim: puta! mas não tem... Como é que é isso aqui, pô.

M.M. – Como é que funciona.

D.B. – Como é que funciona. A minha preocupação maior era o seguinte: das dificuldades lá, e o PT, nada, não é. Aí chegou um dia que falei: puta, *meu*, eu estou chorando tanto por quê? O PT é que está precisando de ajuda, não sou eu que estou precisando de ajuda. E o PT só vai ter ajuda se eu ajudar o PT. Aí eu falei: não, acabou. E pior o seguinte. Eu, a primeira vez deputado federal, sem experiência nenhuma, com esses erros de português que até hoje eu tenho, [ri] com a dificuldade que eu tenho de pronunciar algumas palavras, agora você imagine isso aí há vinte anos atrás. [ri] E o seguinte. A primeira vez deputado federal, cento e sessenta e quatro mil votos, eu fui um dos dez mais votados do estado de São Paulo.

M.M. – Uma responsabilidade grande com o eleitorado.

D.B. – A responsabilidade toda com o eleitorado, tudo. Bom. Chega lá -, olha só -, eu fui eleito presidente da Comissão da Previdência e Legislação Trabalhista. Olha só! E eu falei: não, agora o PT vai ajudar. [ri] Eu me lembro de algumas passagens. Vocês já conhecem Brasília, sabe como era a sala das comissão, não é. Os deputados ficavam lá embaixo e eu ficava lá em cima, naquela mesa. Tinha deputado naquela época que hoje é até ministro, não é. Ademar Guizzi e outros tais aí. E eu fiquei lá em cima, olhando assim, eu falava: é, vocês se (desculpa, ‘tá) vocês foderam desta vez. [rindo] Eu pensava isso. A classe operária aqui está por cima da carne seca. [risos] E às vezes, essa ingenuidade minha, esse negócio de... Eu sempre fui muito assim.

M.M. – Otimista.

D.B. – Eu como presidente assim, eu falava, às vezes falava coisa errada *pra chuchu*, não é, e quando eu olhava para baixo assim, eles estavam dando risada, os deputados, não é. [rindo] Eles dando risada, eu falava assim: “Deputado, V.Exa. está dando risada por quê?” “Ah, presidente, o senhor não falou uma coisa correta aí não.” Eu falei assim: “Mas deputado, V.Exa. entendeu o que eu falei?” “Entendi.” Eu falei: “Deputado, o certo é o que se entende, deputado.” [risos] Então fui presidente da comissão e tudo. E fui líder do PT. O Airton Soares era o líder do PT. Cara, com todo respeito pelos companheiros palestinos, com todo respeito. Se existe uma pessoa... agora, nem tanto, mas naquela época lá, o Arafat, os palestinos, era uma coisa que calava fundo na nossa alma, no nosso coração, não é. Pô, mas só que lá, a liderança do PT, tinha mais cartaz do Arafat do que do Lula, pô. [ri] E o Airton Soares era o líder. [risos] Eu falei: pô, mas isso aqui não está certo, não é. [ri] Aí tiraram o Airton, eu virei líder. Ah, não, que me perdoe Arafat, agora vai ter coisa do Lula e do PT aqui. Aí fui líder do PT. E uma coisa: modéstia à parte, o comitê de imprensa de Brasília me considerou como um dos deputados mais atuantes daquela legislatura. Isso aí eu não estou falando para vocês para me vangloriar, não. O *Diário do Grande ABC*, até querendo sacanear, mandou repórteres para Brasília, para ver o trabalho dos parlamentares. E foi lá e fizeram uma investigação lá e tal, e acompanharam o meu trabalho na apresentação de projetos, o trabalho como presidente da comissão, o trabalho como líder do PT e o meu trabalho como deputado, e o comitê de imprensa, não é, eu tenho o jornal, o *Diário do Grande ABC*, dizendo e afirmando que eu fui um dos deputados mais atuantes daquela

legislatura. Para você ver, com toda essa dificuldade que eu tive e tudo mas mesmo assim... Parece que é na dificuldade que você consegue se superar, não é. Talvez, essa coisa que tem... essa história do Djalma Bom e todas essas coisas assim, que é na dificuldade que eu consegui reunir forças e tal. Sempre me interessei muito para ler. Eu procuro ler, procuro entender. Às vezes, eu leio um livro uma vez, não entendo, leio a segunda vez, não entendo, aí eu vou insistir, para ler, para conversar. Por exemplo, esse negócio da formação política. O Partido dos Trabalhadores, até hoje, eu acho – agora, não sei, mas no meu tempo, não tinha uma secretaria de formação política; quando tinha secretaria de formação política, ela era totalmente esvaziada, não tinha projeto; formavam uma secretaria, muito mais como uma coisa simbólica, para dar resposta, que não funcionava, não é. Quer dizer que um partido com as características do PT que não tinha uma secretaria de formação política, não é? Eu quero dizer para vocês. Eu fui ler os clássicos quando eu fui para a Alemanha Oriental. Eu fiquei quatro meses na Alemanha Oriental, e lá que eu fui ler os clássicos: Engel, Marx, Lênin, tudo esse... Trotsky... O Trotsky não. [risos] Trotsky não. [ri] Eu fui ler lá. Porque lá... Eu quero falar uma coisa para vocês.

A.F. – Em que ano você foi?

D.B. – Eu fui em 87. Acho que setembro de 87.

A.F. – Fez curso de quadros do Partido Comunista da...

D.B. – É o seguinte. Na minha avaliação, o Partido dos Trabalhadores, uma das suas grandes falhas como partido, o PT não é um partido formado de dirigentes, o Partido dos Trabalhadores é um partido formado de lideranças. O Partido dos Trabalhadores, na minha concepção, até 1987, eu não sei como é agora mas, o Partido dos Trabalhadores só tinha um dirigente político: José Dirceu. O único dirigente político que o PT tinha era o José Dirceu. O resto era todo liderança. Por exemplo, o Lula é uma grande liderança. O Lula não é um dirigente político, para mim, não é, o Lula é uma grande liderança. E quando eu fui para a Alemanha, o meu objetivo era aceitar esse desafio: adquirir formação, saber, para me informar também, para ser um dirigente do Partido dos Trabalhadores, uma referência, assim como o José Dirceu. E se você vê, até hoje, acho que as coisas continuam do mesmo jeito, não é. Que dirigente político mesmo, o PT continua, no meu modo de entender, continua com essa grande falha.

A.F. – Mas nesse período ainda, você era deputado e era ainda o presidente do PT estadual.

D.B. – Eu era presidente do PT (estadual) e era vice-presidente da direção nacional do PT.

A.F. – E você era um presidente estadual linha dura, não é.

D.B. – Por quê? O que é que é linha dura?

A.F. – Você contou aqui algum caso... Não me lembro qual foi a polêmica. Fala um pouco da sua experiência no PT estadual. O que teve de importante, de polêmico, nesse período em que você era presidente do PT estadual?

D.B. – Porque o PT, eu como presidente do diretório estadual, o PT ganhou a prefeitura de Diadema, não é.

M.M. – Foi uma coisa importante. Foi uma experiência de governar.

D.B. – Foi uma coisa importante. Foi, foi uma rica experiência.

A.F. – E era um companheiro do sindicato de vocês.

D.B. – É. Que a grande verdade é a seguinte. O Gilson também, a falta de experiência também e tal, na formação do secretariado do Gilson, eu não sei o que é que o Gilson fez lá, que enervou toda a militância do PT lá em Diadema. Eu era presidente do diretório estadual. Eu era deputado federal, era líder do PT e era presidente do diretório estadual. O pessoal de Diadema saiu de lá, por causa dessa coisa que o Gilson fez lá, e ocupou o diretório estadual do PT, aqui na rua Santo Amaro, e não me deixa entrar dentro do diretório. [ri] Quer dizer que... Teve um encontro nacional do PT lá em São Bernardo do Campo, no Pampas, os caras fizeram um cinturão lá e não queria deixar a direção do partido entrar dentro do hotel para realizar a reunião do diretório nacional. Precisou o Lula ir conversar e tal. Eu não me lembro... O que eu me lembro são essas coisas. O que é que mais, você acha que eu posso....

[FINAL DA FITA 2]

A.F. – Como é que você conseguiu compatibilizar esse mandato em Brasília, vice da direção nacional e, ao mesmo tempo, presidente da estadual?

D.B. – Era aquele sacrifício enorme, para você te desdobrar e tentar fazer as coisas da melhor maneira possível, não é. Era você, como deputado federal, como líder, viajar pelo Brasil inteiro. Por exemplo, eu, praticamente, acho que tem um ou dois estados do Brasil que eu não conheço. Eu estava viajando na formação do PT, não é, que tinha que viajar. Ao mesmo tempo, era presidente do diretório estadual, que você tinha os compromissos no estado; e ao mesmo tempo, também, você tinha a responsabilidade de deputado federal. Quer dizer que tinha que se desdobrar. Nisso aí também, a grande verdade também é que a família vai para...

M.M. – Para o espaço.

D.B. – Para a Cucuia, não é. Vai para o espaço. Eu não vou falar que separação foi por causa disso, que é bobagem, não é. [ri] Que isso aí não é... Agora a questão dos filhos, é uma coisa...

M.M. – Quantos filhos você tem?

D.B. – Eu tenho dois filhos, um filho e uma filha. Eles votam no PT e tudo mas não quer saber de militar, não quer saber de nada.

M.M. – Eles se ressentiram muito.

D.B. – Sentiram muito. Aquela ausência total, não é.

A.F. – Nessa época que você era deputado, você estava com que idade?

D.B. – Bom, eu estou com... Vamos fazer conta aí. Ajuda aí. [ri]

M.M. – Você casou com que idade?

D.B. – Eu casei com vinte e seis anos. Nós estamos em 2005... 82, quantos anos dá? Vinte e três anos?

A.F. – Vinte e três anos.

D.B. – O que foi que você perguntou?

A.F. – Que idade tinham seus filhos nessa época?

D.B. – Ah, os meus filhos... O filho devia ter quinze anos e a filha acho que devia ter uns doze, treze anos.

A.F. – Adolescentes.

D.B. – Adolescentes.

A.F. – Que é uma fase difícil.

D.B. – Fase difícil. É difícil. Hoje, quando eu... até como uma coisa assim de... pagar os pecados, não é... Eu sempre fui uma pessoa muito amorosa, me relaciono bem com as pessoas e tal. Agora com os filhos, mais ainda. Hoje, quando eu vejo meu filho ou a minha filha, eu pego, abraço; parece que eu estou pagando um monte de pecado assim, de beijar, abraçar, pegar. [ri] Um negócio incrível.

M.M. – Djalma, eu queria perguntar uma outra coisa. Em alguns momentos da vida do PT, justamente nesse período que você está na presidência do diretório de São Paulo, tem aquela questão das lutas internas entre as várias facções que compunham o PT, de vez em quando... Acho que é um pouco isso que você talvez quisesse tocar, não? De vez em quando explodiam umas situações complicadas. E você foi uma pessoa que teve posições de criticar. Como é que você via, naquela época e até hoje, essas divergências dessas várias facções internas do PT? Como é que conciliava, quer dizer, uma orientação mais coesa do partido e ao mesmo tempo respeitar essa diversidade? Acho que é um ponto que até hoje é difícil de administrar, não?

D.B. – É. Por exemplo, eu fui para Montevideu, eu fui falar sobre a questão do PT e o Jorge Matoso foi falar sobre... Nós dois fomos falar sobre o PT. Só que eu fui para falar mais das questões políticas do PT e tal e o Jorge foi falar do projeto econômico para o PT. E uma das perguntas que mais me perguntavam lá era o seguinte: como é que o PT convergia na divergência. Como é que o PT conseguia conviver com tantas tendências dentro do PT. Eu quero dizer para vocês o seguinte. O PT só chegou com esse aprimoramento da democracia, da convivência nas divergências, graças a essas tendências dentro do PT. Eu acho que o PT vive um momento muito difícil hoje porque acabou se formando, dentro do PT, um rolo compressor. Formou um rolo compressor dentro do PT. E o PT hoje, ele nega os seus princípios, da sua prática democrática, com a convivência, mesmo na disputa política das tendências que existia antigamente. Algumas pessoas falavam mal da Convergência. Eu acho que a Convergência foi uma coisa muito importante para o Partido dos Trabalhadores, para que a gente pudesse... Nessa nova experiência da criação de um partido com as

características do PT, a existência da Convergência, não é. Eu acho que foi super importante. Agora existia, e eu acho que isso aí foi bom para o PT, a democracia; nós aprendemos a prática democrática, muito, com as tendências dentro do PT, não é. Eu acho que isso aí está causando até um mal, hoje, para o PT, por causa desse bloco monolítico que existe dentro do PT. Essa questão do bloco hegemônico dentro do PT me faz lembrar muito a questão que acontece hoje em Brasília, da questão da tese da governabilidade. Você tem em Brasília a tese da governabilidade. E, para a tese da governabilidade, vale tudo. E você tem dentro do PT, hoje, também a tese do poder hegemônico (não sei nem se é isso mesmo) para poder administrar o PT. Essas coisas... Bom. Eu quero dizer para você o seguinte. Eu sempre fui uma pessoa assim: eu sou contra qualquer tipo de... ditatorial, seja ele de esquerda ou de direita. Automaticamente, quando você começa a construir, constituir blocos hegemônicos, você pode construir também ditaduras. Eu não sei se a palavra é muito forte. Mas isso aí é ruim para o processo democrático. E a gente, na minha época do PT, a gente tinha as tendências, a gente tinha sempre a maior disposição de conversar com os companheiros, e esses companheiros que colaboraram, ajudaram muito na construção do Partido dos Trabalhadores e na consolidação do Partido dos Trabalhadores, principalmente nesse processo da democratização, da convivência política interna, dentro do Partido dos Trabalhadores. Tinha divergência? Tinha divergência. Vamos discutir? Vamos. Vamos reparar as divergências? Vamos reparar. Vamos tirar um plano de ação? Vamos tirar. Isso aí sempre foi muito respeitado, e foi muito bom para o Partido dos Trabalhadores.

A.F. – Mas na época, justamente, que você era deputado federal, tem uma divergência, um conflito que não tem a ver com tendência, que foi a questão do colégio eleitoral. Foi uma experiência muito difícil. Isso afetou a bancada pesadamente. Como é que foi essa experiência?

M.M. – O negócio da eleição do Tancredo.

D.B. – Então. Quem foram as pessoas que contrariaram a decisão do Partido dos Trabalhadores? Justamente, foram os três que não tiveram uma prática e não tiveram uma relação, ao nascedouro do Partido dos Trabalhadores, que acompanhou logo a origem do PT, o nascimento, o crescimento do Partido dos Trabalhadores. Justamente, foram aquelas pessoas que achavam o seguinte: essa é a chance, essa é a oportunidade, e nós não podemos perder de forma nenhuma, mesmo da forma que está sendo colocada, para a gente deixar a

ditadura de lado e colocar um presidente civil como presidente da República. Então eles, é a avaliação deles. Eu avalio da seguinte forma. Aquilo ali também foi um grande desafio para o Partido dos Trabalhadores, para a trajetória do PT. Se o Partido dos Trabalhadores, naquele momento, tivesse fraquejado e tivesse ido para o colégio eleitoral, mesmo respeitando algumas argumentações convincentes, não é – para sair da ditadura militar, você apóia um civil, que é o Tancredo Neves, porque agora é hora a e a vez –, mesmo respeitando esses argumentos de alguns pessoas, eu acho que o PT só continuou, deu prosseguimento e continuidade, porque naquele momento ali ele seguiu um lógica, de propor as eleições diretas para presidente da República e naquele momento lá falar assim: não, o caminho não é esse aqui. O caminho que a gente estava propondo era o caminho das eleições diretas para presidente da República. Via colégio eleitoral, nós não vamos, porque, do contrário, nós vamos ter um contraditório com os nossos princípios, que é com nossa própria proposta. Por isso que eu acho que acertou. Os três que foram fizeram uma avaliação equivocada, diferente. E automaticamente... Os compromissos deles não eram compromissos com o Partido dos Trabalhadores, porque cada um deles tinha compromissos individuais os mais diferente possível. E tanto é verdade, que eu não sei o que o Eudes... O Eudes saiu do PT e foi para PDT, não é? A Beth voltou para o PMDB e o Aírton Soares também voltou para o PMDB, ou para o PDT, eu não sei. Quer dizer que... Eu acho que é isso.

A.F. – Foi uma situação dura, difícil de tomar decisão.

D.B. – Foi uma situação difícil. Imagina...

M.M. – Não seguiram a orientação do partido.

D.B. – Não seguiram a orientação do partido. Imagina vocês, eleição do Tancredo Neves, um colégio nacional cheio, eu, o Suplicy, o Genoíno, a Irma e o Luís Dulce distribuindo o boletim contra o Colégio Eleitoral na entrada da Câmara dos Deputados. [ri]

A.F. – E só vocês.

D.B. – Só nós. Só nós. Aliás, naquele momento ali, era só nós. O foco nacional e internacional estava ali, estava naquele momento ali, e esses cinco malucos, além de não ir no Colégio Eleitoral, estava na porta, panfleteando a porta da Câmara dos Deputados, a entrada do plenário, tentando convencer a algum deputado que não deveria votar no Tancredo Neve. [ri] Negócio de maluco, não é. Coisa do PT mesmo.

A.F. – É. Mas é importante, pelo que você está falando, para afirmar a identidade.

D.B. – Para formar a identidade do partido, sim. E foi graças a essas avaliações -, que no fim elas se tornaram corretas, não é -, que deu essa possibilidade e essa trajetória do PT, para ele chegar onde ele chegou.

A.F. – Em 86, você concorreu novamente a federal?

D.B. – Concorri novamente a federal. Algumas pessoas me procuraram e falaram para mim: Djalma, a gente reconhece do teu mandato, reconhece tudo. Você deveria sair candidato a deputado estadual, fazendo uma dobrada com o Lula.” Mas eu sempre tive uma coisa dentro de mim, o seguinte. Aquelas decisões do partido, eram decisões do partido, eu não deveria jamais contrariar as decisões do partido. Por exemplo, depois do Lula, eu fui o candidato que recebeu mais indicações dos núcleos para ser candidato a deputado federal. Quer dizer que o Lula foi o primeiro que recebeu indicações, eu fui o segundo. Eu não sei se agora é assim, mas antigamente tinha as indicações. Mas então, eu fui o segundo mais indicado para ser candidato a deputado federal, depois do Lula. E eu não me sentia no direito de contrariar essas decisões dos núcleos, dos diretórios que me indicaram para deputado federal, e eu sair para candidato a deputado estadual. Aí, muita gente falava assim: “Você vai perder.” Eu falei: “Eu posso perder. Eu posso perder. Mas eu não vou contrariar uma decisão dos núcleos e dos diretórios municipais do Partido dos Trabalhadores. Eu vou para deputado federal.” Bom. Aí eu saí candidato. Se eu tive cento e sessenta e quatro mil votos em 82, a primeira vez, eu tive quinze mil e seiscentos votos na segunda. Mas eu acho que isso aí para mim... Eu continuei da mesma forma no PT, fazendo a mesma coisa que eu fiz, continuei na direção...

A.F. – Você concorreu junto com o Lula na chapa ()

D.B. – Concorri junto com o Lula, sim, sim. Para vocês terem idéia. Um fato até pitoresco. Nós fomos em Guarulhos fazer um comício. O Lula candidato a deputado federal e eu candidato a deputado federal. Me chamam para fazer o discurso, eu vou lá, faço o discurso, falo e tal, e desço e fico no meio do povo. Eu falei: vou ficar aqui no meio do povo. Chamaram o Lula depois de mim. Chamaram o Lula, e eu estou lá no meio do povo, ouvindo... Eu falei assim: eu quero ver a reação do povo. E eu estou lá, no meio de dois companheiros, e o Lula está lá fazendo o discurso. E o Lula sempre foi inimigo de pedir voto

para ele. Ele nunca pediu voto para ele. Ele falava para mim que a maior dificuldade que ele tinha era sempre de pedir voto para ele. E o Lula está lá, com o microfone na mão, fala assim: “Pois é, meus companheiros, as eleições para deputado federal, para governador e tal, mas vocês não podem esquecer do meu companheiro, do meu amigo, desse companheiro que eu gosto, que eu estimo e que é meu irmão, que é o companheiro Djalma Bom, que teve um mandato extraordinário. E vocês tem que votar nele.” Tem que fazer aquilo, fazer aquilo... E foi falando, falando, falando. E os dois caras estão do meu lado assim. Aí, um olha para o outro e fala assim: “Pô, mas esse Lula, ele não é candidato a deputado federal?” O outro falou assim: “É.” “Pô, ele está pedindo voto para esse tal de Djalma Bom? Eu vou votar é para o Lula.” [risos] Quando o Lula desceu, eu falei assim: “Ah, meu companheiro, por favor, não faz mais esse discurso não.” [rindo] Você está procurando me ajudar, eu sei que você é extraordinário, mas...

A.F. – Não vai dar certo. [ri]

D.B. – Não vai dar certo, não.

M.M. – Depois você foi candidato a...

D.B. – Ah, então. Tem mais coisas aí. Aí eu fui para a Alemanha, para ser um dirigente do PT. Eu volto da Alemanha...

M.M. – Mas você foi candidato a vice-prefeito em São Bernardo?

D.B. – É. Aí eu volto da Alemanha. Aí começa a campanha para o Lula candidato a presidente da República. Numa reunião do diretório nacional, a direção nacional me escolhe para ser o coordenador da campanha do Lula para presidente da República. Olha só, hein. A direção nacional me escolhe para ser o coordenador. Eu falei: “Vamos lá. Tudo bem. O pessoal acha, nós vamos se desdobrar mais uma vez, vamos aceitar essa tarefa.” Porém, em São Bernardo do Campo, estava o processo de escolha do dr. Maurício (Soares) para prefeito, candidato a prefeito. Eu sou filiado lá em São Bernardo do Campo então, na reunião... Eu tinha voltado da Alemanha já, não é, com aquela idéia de ser o dirigente. Olha só. Vou para a Alemanha para ser um dirigente partidário. Volto da Alemanha, numa reunião do diretório nacional, me escolhem para ser o coordenador da campanha do Lula para presidente da República. Olha só como é que as coisas... Aí, em São Bernardo do Campo, o pessoal falou assim: Não, de jeito nenhum. Não. Você não. Você vai ser candidato na chapa do dr.

Maurício. Porque para nós ganharmos essa eleição, porque aí é o fator histórico, é importante, o PT nasceu aqui, e o dr. Maurício é um intelectual e você é um operário, e a coisa vai dar certo. Você é uma liderança e tal e tal. E foram indo, foi indo, foi indo... Aí eu falei assim: Pô... Aí refleti. Pensei entre mim: o PT tem condições de arrumar um coordenador para a campanha do Lula para presidente da República. Eu acho que o PT de São Bernardo não tem condições de arrumar outra pessoa com meu perfil para ser candidato a vice aqui, em São Bernardo do Campo. E é importante o PT ganhar em São Bernardo do Campo; historicamente, é importante. Já tinha participado em 82, o dr. Maurício tinha sido o mais votado, mas, o negócio da sublegenda, acabou não ganhando. Eu falei: agora, é importante. Eu fiz essa avaliação. E cheguei na reunião do diretório nacional, expliquei, pedi para o pessoal levar em consideração; e saio candidato a vice, em São Bernardo. Bom. Ganhou as eleições em 88. Em 88, ganhei as eleições, e eu fico vice do Maurício em São Bernardo. Aí vice, fui secretário de Governo. Como secretário de Governo... [ri] Teve o negócio da eleição para governador aqui em São Paulo, o partido decidiu (aquela loucura do partido naquela época, que, agora, jamais poderia fazer isso aí) voto nulo no Fleury.

A.F. – No segundo turno.

D.B. – Segundo turno. O dr. Maurício sai do encontro estadual do PT, vai lá para São Bernardo e fala que ele tem o tal de foro íntimo dele e que ele vai votar no Fleury. [ri] Eu sou fundador do PT, não... e fico numa prefeitura, o cara falando mal... E depois, outra, ele *desbundou* a falar mal do PT. E ele não me sentia à vontade em falar mal do PT. Aí um dia, eu fui no governo paralelo, que era aqui na Vila Mariana, perto da sede do Diretório Nacional. Fui lá, falei para o Lula: “Ó Lula, eu estou muito incomodado. Eu não me sinto bem na prefeitura com o dr. Maurício fazendo... Ele está fazendo o PT de gato e sapato lá, poxa, falando mal do PT. Eu estou querendo brigar com ele. Mas eu estou dentro da prefeitura, tenho um cargo de confiança do prefeito, é um cargo de comissão”... Eu era secretário de Governo. Eu falei assim: “É o seguinte. Eu não agüento mais. Eu vou brigar com o Maurício.” O Lula falou assim: “Ah, tudo bem. Você é que sabe.” Aí eu fui lá, pedi demissão do cargo de secretário, e parti para a porrada com ele. Fiz uma luta política, mesmo, contra ele. Bom. Aí saio do governo. E fico lá... que eu era, acho que era presidente do diretório municipal do PT. Mas, as divergências políticas. Depois, continuei ajudando ele na prefeitura e tudo. Continuei como vice-prefeito. Só pedi a demissão do cargo de

secretário, de confiança. Aí, depois, eu continuei como vice-prefeito, ele viajou para alguns lugares, eu fiquei como prefeito algumas vezes. Aí veio 1992, o partido me escolheu para ser candidato a prefeito. Eu fui candidato a prefeito em São Bernardo. Perdi por uns quatorze mil votos, não é, porque o Maurício fez uma campanha totalmente contrária. Aliás, ele não... Se ele não falasse mal de mim, não é, ele teria ajudado. Nós íamos em reunião assim, não é, reunião em São Bernardo, com a fina flor do Rotary, Lions Club. [ri] Eu com essa cara aqui. [ri] E ele ia lá e falava assim: “Pois é, meus senhores e minhas senhoras. O Djalma, ele melhorou muito depois que ele saiu da Mercedes. [ri] Porque ele saiu da Mercedes, ele melhorou muito, foi deputado federal. E ele tem me ajudado muito aqui na prefeitura. Por exemplo, o trabalho com os favelados, é tudo ele que vai.” [ri]

M.M. – O cara do Rotary já ficava com as orelhas em pé. [ri]

D.B. – Aí, é outra reunião, ele falava assim: “É, meus amigos e companheiros, meus senhores e minhas senhoras. (Era mesmo assim.) O Djalma tem brigado muito comigo. [rindo] E ele vai brigar muito com vocês, se ele for eleito.” [risos] E desse jeito. E terminou a eleição... Olha, com tudo isso aí, o Demarco parece que teve cento e quatorze mil votos, eu tive noventa mil votos. Que é voto *pra burro*, não é.

M.M. – É. Se ele tivesse feito uma forcinha, não é.

D.B. – Se ele não tivesse falado mal de mim, ele teria me ajudado, eu poderia ter ganhado.

M.M. – Não tivesse atrapalhado.

D.B. – Se ele não tivesse atrapalhado, eu poderia ter ganhado as eleições. Aí, perdi as eleições e tal, aí depois, em 1994, eu fui candidato a deputado estadual, me elegi deputado estadual. Depois, em 98, candidato a reeleição. São Bernardo do Campo, historicamente, ele elege um federal e dois estadual. Ele tem, o PT, em São Bernardo do Campo, tem esses votos cativos, ou tinha esses votos cativos, não é. Bom. O que é que o PT de São Bernardo faz? Tira um candidato a deputado federal e quatro candidatos a deputado estadual. Eu falei para o pessoal, falei: “Gente, olha, é o seguinte. Não vai eleger nenhum. Porque o PT não tem votos para eleger os quatro. Não vai eleger nenhum. Se vocês acham que eu não devo sair candidato, eu não saio candidato. Vamos discutir. Vamos escolher dois para sair candidato. Mas se sair os quatro...” “Não. Vai eleger os quatro.” Não quiseram abrir essa discussão.

Saem os quatro. Não elegeu nenhum. Eu fiquei na suplência. Aí depois, agora, acho que em 2000, eu assumi acho que uns quatro ou cinco meses como deputado estadual. Bom. Aí parei. Vocês querem saber o que é que eu estou fazendo hoje?

A.F. – Sim. Antes disso. Você foi vice-prefeito, foi secretário de Governo, assumiu a prefeitura. Queria que você falasse um pouco mais da experiência da gestão municipal mesmo. Como é que foi para você lidar com a situação do poder executivo mesmo.

D.B. – É muito difícil um partido com a concepção do PT ser executivo. É muito difícil, é muito complicado. Porque esse negócio da prática democrática, ela é uma palavra muito bonita; mas, para você implantar e praticar a democracia, é um negócio muito complicado e às vezes, essa questão da democracia, ela vira democratismo de um lado e do outro lado, com alguns oportunismos, vive a irresponsabilidade, não é, porque acha que, dentro da prefeitura, pode tudo, você pode fazer tudo dentro da prefeitura; e acha que você tem que implantar uma sociedade socialista dentro da prefeitura de São Bernardo do Campo. Nós tivemos essa experiência. Teve alguns companheiros que achavam, era o seguinte. Como o PT conquistou a prefeitura de São Bernardo do Campo, nós vamos implantar uma sociedade socialista aqui dentro de São Bernardo do Campo. E é complicado isso aí.

M.M. – E é uma ingenuidade.

D.B. – É uma ingenuidade. Mas teve gente que fez isso aí. É só vocês verem o que aconteceu em São Bernardo do Campo. A dificuldade muito grande. A outra dificuldade que a gente teve é a questão da prática democrática com conteúdo ideológico e político, e consistente. Por exemplo. Em São Bernardo do Campo, nós desenvolvemos uma administração com prioridades de atuação na periferia. Bom. Ótimo, muito bonito, *legal* e tal. É isso mesmo. Bom. Aí você vai num bairro da periferia de São Bernardo do Campo, vai lá e faz uma escola. Aí você reúne a população, discute com a população – é, o caminho é esse aqui, de fato, vocês estão reivindicando, vocês precisam da escola. Você faz a escola. Mas não pára na escola, não é. [ri] Porque você conversou com ele, você explicou para eles e você encaminhou, e eles decidiram da escola. Da escola, ele quer o posto de saúde; do posto de saúde, ele quer o saneamento básico, do saneamento básico, ele quer a iluminação, da iluminação, ele quer o ônibus. E acaba virando um saco sem fundo porque... Vive um processo não consciente, ele vive mais um processo reivindicativo do que um processo político de conteúdo, de falar: olha, vamos discutir um pouquinho mais, vamos aprofundar

um pouquinho mais, da importância do PT ficar mais quatro anos na prefeitura. Quer dizer que as dificuldades foram muito grandes, para um cargo executivo do Partido dos Trabalhadores, numa prefeitura importante igual São Bernardo do Campo. Por exemplo. A gente fez o orçamento participativo, não é. Mas esse negócio do orçamento participativo também, ele tem uma grande falha, que é o seguinte. Numa cidade complexa igual São Bernardo do Campo você tem, na periferia, que falta tudo, e você tem os bairros do centro de São Bernardo do Campo, que só querem a manutenção. Agora como é que você trabalha o negócio do orçamento participativo com aquelas pessoas da periferia? Você tem que tratar eles como iguais. É a população de São Bernardo do Campo. Agora, como é que você trabalha com a periferia de São Bernardo do Campo que tem todas as necessidades, e como é que você trabalha o orçamento participativo com o centro de São Bernardo que a maioria das vezes ele só quer a manutenção das ruas, das creches, das escolas e tudo? Quer dizer que é um negócio meio contraditório. Mas eu acho que foi um negócio super importante também, foi uma experiência muito rica para mim. Olha, experiência do sindicato, experiência do fundo de greve, experiência de deputado federal, experiência de vice-prefeito, experiência de prefeito, às vezes, não é, deputado estadual...

M.M. – Você teve uma carreira muito diversificada, muito rica.

D.B. – Eu tive uma carreira muito diversificada. E eu sempre me senti muito bem, mesmo vendo todas as dificuldades, porque eu sou um pessoal muito dedicada também. Quando eu me proponho a fazer as coisas, eu também entro de corpo e alma, também, para fazer as coisas. Eu não tenho tanta determinação igual o Lula tem, mas eu quero dizer que eu tenho muita responsabilidade nas funções que eu tenho.

A.F. – E hoje você está estudando música. Você já tinha esse pendor?

D.B. – Então. Tinha. Mas vejam vocês o seguinte. Eu, logo que terminou o meu mandato de deputado estadual, eu comecei a analisar, é um fenômeno muito grande que está acontecendo hoje no mundo, é a questão do terceiro setor, é a questão das ONGs, das organizações não-governamentais. E eu comecei ler um pouco sobre, inclusive, daquele companheiro que foi deputado estadual do PT no Rio de Janeiro, o Ligt.

M.M. – Ligt Vieira.

D.B. – Lizt Vieira. Ele é um cara que tem... Inclusive, eu li livro dele, não é. E eu comecei pensar nessa coisa das ONGs. E a Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo, ela tinha uma universidade para a terceira idade, e justamente esse curso de agente social. Eu fui para lá e fiquei os quatro anos, fiz o curso de agente social. Falei assim: eu estou um pouquinho parado com o negócio da política, mas eu preciso fazer alguma coisa. Aí eu fiz o curso de agente social. E, quando eu estava para concluir o curso de agente social, eu fui fazer estágio numa casa de caridade lá em São Bernardo do Campo. Chama Lar dos Velhinhos Dona Adelaide. E eu fui fazer estágio lá. Cheguei lá para me oferecer para fazer estágio e, conversando com a presidente, ela falou assim: “Ah, Djalma, é muito bom você estar aqui e tal, sua disposição de ajudar e tal. Você quer ajudar? Tem duas coisas para você fazer.” Falei assim: “Está bom. Qual é a primeira coisa?” “É que a gente vai montar uma barraca do... negócio de festa junina, lá no (Ruth Ramos). Dá para você trabalhar na barraca?” [ri] Falei: “Dá. Qual é a outra coisa?” “Tem terrenão enorme ali, e precisava fazer uma horta lá.” Eu falei: “Dá para fazer a horta também.” Bom. Eu fiquei lá dentro... Aí eu conversei com a presidente, aí depois, estão os vinte e seis internos que tem lá. São pessoas com deficiências físicas, deficiências mentais e idosos. E eu fiquei lá conversando com eles, Alexandre. Quando eu saio fora da instituição, que eu coloco o pé, que eu estou na rua, aconteceu um negócio assim super importante e significativo para mim: eu saio de lá, eu paro e falo assim: puta merda! Que coisa, não é. Quem estava precisando de ajuda era o Djalma, não eram esses caras que estão aí dentro, não, sabe. É incrível essa coisa que aconteceu comigo. E de fato, quem precisa de ajuda mesmo não são eles que estão lá dentro, quem precisa de ajuda somos nós que estamos aqui do lado de fora. E por que é que nós precisamos de ajuda? Nós somos intolerantes, nós somos arrogantes, nós somos mal-educados...

M.M. – Prepotentes.

D.B. – Prepotentes, tudo isso aí. E essa coisa dessa casa dos velhinhos tem feito um bem para mim, que vocês não imaginam.

M.M. – E te dá uma dimensão também de utilidade, não é.

D.B. – Me dá uma coisa assim de vida, de olhar o mundo de uma forma diferente, não é. Eu estou em casa, eu falo assim: ah, eu vou lá para os velhinhos. Inclusive, alguns

aposentados, tem uns aposentados lá, os caras falam assim: “Pô, mas você está arrumando uma boquinha, não é.” [risos]

M.M. – Djalma, você é religioso? É católico?

D.B. – Pouco. Não. Eu sou católico mas não... [ri]

M.M. – Não pratica.

D.B. – Não, não pratico. Ainda mais com esse papa aí, não é. [ri] Então é o seguinte. Eu estou lá, junto com esses velhinhos, não é... Por exemplo, hoje, estou saindo daqui, eu preciso ir lá, porque eu preciso molhar as plantas, não é. É um grande desafio que eu tenho... Que o primeiro é... Você tem que ver a horta que eu tenho lá. Vocês podem pensar, pô Djalma, é retórica sua, não é. Mas você tem que ver a horta que eu tenho. E eu preciso ir lá para molhar, que eu plantei, faz uns quinze dias atrás, eu plantei quatrocentos e oitenta muda de hortaliça lá: couve, alface, rúcula, almeirão. E está lá. E ao mesmo tempo, também, eu comecei a fazer uma coisa, que eu não devia ter parado de fazer, que foi música. Estudar canto, não é. Eu comecei.....

[FIM DO DEPOIMENTO]